



# **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB**



**produções acadêmicas em 2014**

**Pedro José Santos Carneiro Cruz  
Ana Claudia Cavalcanti Peixoto de Vasconcelos  
Renan Soares de Araújo  
(Organizadores)**



**EDITORA DO CCTA**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES

REITORA  
MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA DINIZ  
VICE-REITOR  
EDUARDO RABENHORST



Diretor do CCTA  
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES  
Vice-Diretor  
ELI-ERI LUIZ DE MOURA



Conselho Editorial  
CARLOS JOSÉ CARTAXO  
GABRIEL BECHARA FILHO  
HILDEBERTO BARBOSA DE ARAÚJO  
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES  
MARCÍLIO FAGNER ONOFRE  
Editor  
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES  
Secretário do Conselho Editorial  
PAULO VIEIRA

Laboratório de Jornalismo e Editoração  
Coordenador  
PEDRO NUNES FILHO

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

P474 Pesquisa em extensão popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014, Pedro José Santos Carneiro Cruz, Ana Claudia Cavalcanti Peixoto de Vasconcelos / Renan Soares de Araújo, organizador.- João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.

---p.100

ISBN: 978-85-67818-52-8

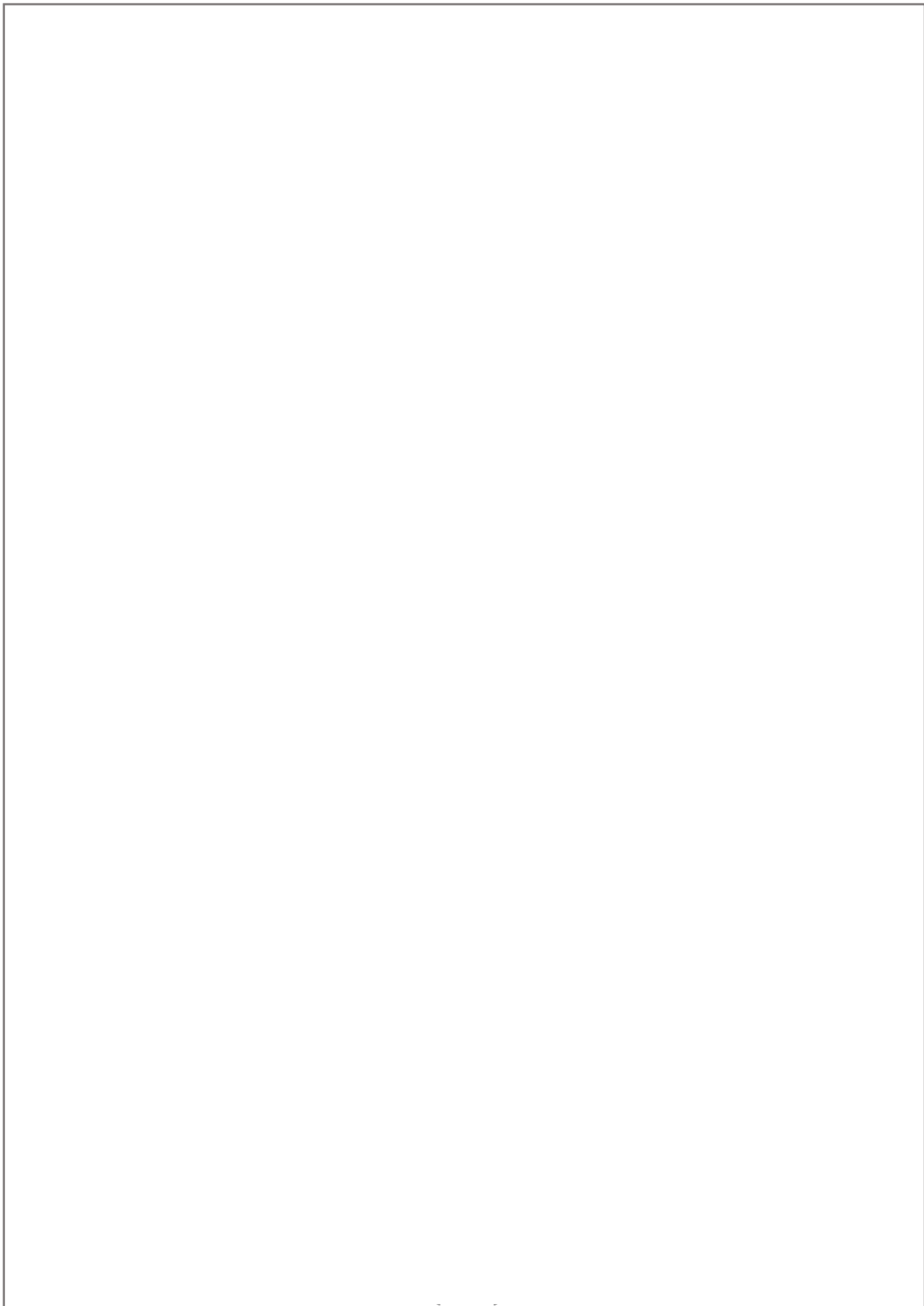
1. Cruz, Pedro José Santos Carneiro. 2. Vasconcelos, Ana Claudia Cavalcanti Peixoto de. 3. Educação. 4. Extensão popular na escola. 5. Educação popular em saúde. 6. Terapia comunitária. I. Araújo, Renan Soares de.

CDU: 37

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: A EXTENSÃO POPULAR E SEU CAMINHAR PARA UMA UNIVERSIDADE SOCIALMENTE COMPROMETIDA _____	7
<b><i>Experiências no PINAB</i></b> _____	<b>11</b>
PINAB: PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE A EXTENSÃO POPULAR _____	13
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: CONSTRUINDO CONHECIMENTOS NA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO DOS ANJOS EM JOÃO PESSOA-PB <sup>1</sup> _____	14
PESQUISA EM EXTENSÃO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR, ERGOLOGIA E SAÚDE DO TRABALHADOR <sup>1</sup> _____	15
MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE E AS DIFICULDADES EM DIFUNDIR A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA <sup>1</sup> _____	16
EXTENSÃO POPULAR E TERAPIA COMUNITÁRIA: ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE A PARTIR DO CUIDAR COLETIVO <sup>1</sup> _____	17
A EXTENSÃO POPULAR NA ESCOLA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA _____	22
HORTA COMUNITÁRIA: UMA ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL _____	23
GRUPO SAÚDE NA COMUNIDADE: ESPAÇO DE DIÁLOGO E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DE UMA HORTA COMUNITÁRIA <sup>20</sup> _____	25
CUIDADO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA PARA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO <sup>20</sup> _____	27
EXTENSÃO POPULAR E ERGOLOGIA: PERCEPÇÕES CRÍTICAS DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE SOBRE SEU PROCESSO DE TRABALHO <sup>20</sup> _____	29
TERAPIA COMUNITÁRIA: PROMOENDO SAÚDE A PARTIR DA EDUCAÇÃO POPULAR <sup>20</sup> _____	31
A VISITA DOMICILIAR COMO ABORDAGEM PARA A EMANCIPAÇÃO COMUNITÁRIA: LIMITAÇÕES E POTENCIALIDADES <sup>20</sup> _____	32
HORTA POPULAR BOA ESPERANÇA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO POPULAR <sup>20</sup> _____	34
A EXTENSÃO POPULAR: PROCESSO DE APROXIMAÇÃO E FORMAÇÃO DE VÍNCULOS EM EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA ESCOLA AUGUSTO DOS ANJOS, JOÃO PESSOA-PB <sup>20</sup> _____	36
AS PLANTAS MEDICINAIS E O USO DE FITOTERÁPICOS NA COMUNIDADE: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES A PARTIR DE UM GRUPO COMUNITÁRIO EM SAÚDE <sup>20</sup> _____	38
ATIVIDADES DE EVIDÊNCIAS DAS SITUAÇÕES-LIMITE E CONSTRUÇÃO DOS INÉDITO-VIÁVEIS NAS PRÁTICAS TRABALHISTAS DOS PROFESSORES <sup>20</sup> _____	39
PROMOÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE UM PROGRAMA DE EXTENSÃO POPULAR <sup>14</sup> _____	41
EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA HUMANIZANTE NA CONSTRUÇÃO DE UMA HORTA COMUNITÁRIA _____	43

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA LÚDICA NUM GRUPO DE IDOSOS <sup>48</sup>	47
<b><i>Experiências no apoio ao Movimento Popular de Saúde (MOPS) da Paraíba e Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) da Paraíba</i></b>	<b>51</b>
MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE: REARTICULAÇÃO NO ESTADO DA PARAÍBA	53
PRÁTICAS POPULARES E AÇÕES EMANCIPADORAS: EXTENSÃO POPULAR E O APOIO DA UFPB AO MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE NA PARAÍBA <sup>20</sup>	54
MOVIMENTO POPULAR EM SAÚDE DA PARAÍBA ENQUANTO ESTRATÉGIA DE LUTA E VALORIZAÇÃO DE PRÁTICAS POPULARES E PELA SAÚDE PÚBLICA <sup>49</sup>	56
O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE DA PARAÍBA (MOPS-PB) <sup>49</sup>	57
ALGUNS PASSOS NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE DA PARAÍBA (MOPS-PB): CONTANDO UM POUCO A HISTÓRIA	58
CURSO DE FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS POPULARES EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS: UMA EXPERIÊNCIA NO MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE DA PARAÍBA	59
MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE: CONTEXTO HISTÓRICO E A REARTICULAÇÃO NO ESTADO DA PARAÍBA	61
<b><i>Experiências em articulação com a Assessoria de Extensão do Centro de Ciências Médicas da UFPB</i></b>	<b>65</b>
A GESTÃO COMPARTILHADA DA EXTENSÃO NO CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS: EXPERIÊNCIA A PARTIR DE EVENTOS, ENCONTROS E CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS AUDIOVISUAIS <sup>20</sup>	67
SOCIALIZANDO AS AÇÕES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA ATRAVÉS DAS MÍDIAS SOCIAIS <sup>20</sup>	69
OFICINAS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA COMO INCENTIVO À PESQUISA NO ÂMBITO DA EXTENSÃO NO CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS-UFPB <sup>20</sup>	71
ORGANIZAÇÃO E ACOMPANHAMENTO SISTEMÁTICO DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DO CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ASSESSORIA DE EXTENSÃO <sup>20</sup>	73
<b><i>Depoimentos de estudantes do PINAB</i></b>	<b>75</b>
<b><i>Artigos do PINAB</i></b>	<b>83</b>
EDUCAÇÃO POPULAR E NUTRIÇÃO SOCIAL: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE UM DIÁLOGO POSSÍVEL	85



## APRESENTAÇÃO: A EXTENSÃO POPULAR E SEU CAMINHAR PARA UMA UNIVERSIDADE SOCIALMENTE COMPROMETIDA

*Renan Soares de Araújo  
Pedro José Santos Carneiro Cruz*

A Extensão Universitária, segundo o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX (2007, p.17) é conceituada como um “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade”. É uma prática acadêmica que deve ser desenvolvida de forma inseparável do Ensino e da Pesquisa, com o objetivo de promover e garantir valores democráticos e equânimes, em busca do desenvolvimento da sociedade em suas dimensões: humana, ética, econômica, cultural e social.

Em suas diretrizes, a Extensão reforça e deixa explícito o seu compromisso com: o impacto e a transformação da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, pautada pelos interesses e necessidades da maioria da população; a interação dialógica entre a Universidade e os setores sociais; a interdisciplinaridade, buscando consistência teórica e operacional; e a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão, preocupando-se com o processo de formação de pessoas e a produção de conhecimento (FORPROEX, 2007).

Entretanto, diante das circunstâncias atuais e sob as influências sócio-político-econômicas, nem todos os empreendimentos de Extensão Universitária estão preocupados e/ou comprometidos com a transformação social (CRUZ, 2013). O próprio modelo atual de Universidade, o qual se observa e é disseminado em maior escala, ainda está voltado para os setores da elite nacional e não para a classe trabalhadora. Consequentemente, este não está contemplando, corretamente, nem o Ensino nem a Pesquisa, conforme a realidade de nosso país e as exigências da grande maioria da população (MELO NETO, 2012).

Muito se ouve falar sobre a necessidade de mudanças na estrutura e filosofia universitária, porém observasse uma discrepância entre o que se diz e o que se faz. Pois os exercícios desenvolvidos verdadeiramente para executa-la, são quase escassos e muitas vezes insuficientes. No entanto, as experiências universitárias de cunho *popular*, estão produzindo saberes e propondo caminhos para a intersecção da produção de conhecimentos e a formação acadêmica (CRUZ, 2013).

Da mesma maneira, na perspectiva *popular*, a Extensão pode atuar viabilizando a estruturação hegemônica das ideologias dominantes, porém ela também pode servir como subterfúgio para a efetivação da função social da Universidade, ou ainda no emprego de seus serviços a favor dos trabalhadores. Sendo assim, a Universidade, através da Extensão Popular, determinada como trabalho social, possibilita direcionar a Pesquisa e o Ensino para a formulação de um outro projeto de sociedade (MELO NETO, 2002).

A Extensão Popular se caracteriza atualmente como um campo profícuo e denso de iniciativas acadêmicas que, inseridas na própria Universidade, questionam sua filosofia e seu papel social. Seus protagonistas insistem na reconfiguração da estrutura universitária preponderante na atualidade. Dessa forma, configura-se como mais um importante eixo no amplo debate nacional sobre a transformação da instituição universitária.

Neste sentido, considerando a atual discussão acerca da Universidade, seu compromisso social e sua reforma, a experiência da Extensão Popular adquire importância singular, visto que carrega as tentativas de um grupo acadêmico de repercussão nacional em construir propostas de mudança na prática e filosofia acadêmica.

É sempre de grande relevância o resgate de memórias, análises e sínteses sobre as experiências de Extensão Popular, seus desafios, percalços e horizontes. Primeiro, porque ainda há muito desconhecimento, no meio acadêmico, sobre o que seja este movimento e sobre o que é a Extensão Popular. Por isso, disponibilizar os saberes acumulados no movimento será importante para fomentar o debate dentro dos mais distintos setores da Universidade, podendo inclusive dar maior visibilidade e maior possibilidade comunicativa para o movimento. Depois porque, mesmo para aqueles que testemunharam e/ou participaram desta experiência, existe a necessidade de síntese para uma compreensão crítica do que aconteceu e do porquê aconteceu. Além do mais, a síntese é capaz de considerar as várias percepções, ideias, pensamentos e (até mesmo) versões da experiência, em seu decorrer histórico. Desse modo, consegue evidenciar aspectos importantes, atitudes significativas e discordâncias pedagógicas para a caminhada do movimento.

Esta pequena coletânea tem como finalidade socializar algumas das experiências que vem sendo realizadas e sistematizadas no âmbito da Extensão Universitária Popular, a partir do esforço e comprometimento de estudantes dos mais variados cursos de graduação e de professores vinculados ao Departamento de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde e Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba, em conjunto com outros parceiros sociais de fora da academia; os quais partilham da mesma inquietação e motivação em realizar a Extensão como um “trabalho social útil” (MELO NETO, 2006), com vistas ao enfrentamento das situações de opressão, aspirando à emancipação humana e a conquista de autonomia por todos os sujeitos. Preocupados em desenvolver um processo pedagógico *com* os setores populares a partir do diálogo horizontal, construindo saberes de forma solidária e coletiva, respeitando o *saber, pensar e agir* destes, preocupando-se com a transformação da realidade, por uma sociedade mais justa, solidária e democrática.

Em virtude disto, pretendemos com esta compilação, apontar que há, sim, viabilidade de se fazer uma Extensão diferente, que não seja utilizada como meio de troca ou compra e venda de produtos acadêmicos, ou como puro e simples repasse de conhecimentos técnicos. O trabalho produzido a partir da Extensão pode e deve



contribuir na reorganização dos setores populares de nossa sociedade e na reorientação do papel social da instituição universitária, para que esta possibilite uma formação acadêmica crítica e comprometida com as demandas culturais, ambientais, sociais e políticas.

Verifica-se que a Extensão tem um papel fundamental na produção de um conhecimento pautado no concreto vivido, possibilitando que o Ensino esteja de acordo com a realidade dos setores sociais vulnerabilizados e oprimidos de nossa sociedade.

Os textos a seguir são relativos às atividades desenvolvidas no ano de 2014, relatando um pouco do percurso e das ações empregadas através das atividades desenvolvidas pelo Programa de Extensão Popular “Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, o qual tem sua atuação norteadas pelos aportes teórico-metodológicos e ético-políticos da Educação Popular e que vem desde o ano de 2007 desenvolvendo atividades nas comunidades Boa Esperança, Jardim Itabaiana, Pedra Branca e Bela Vista – no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa-PB –, em parceria com equipamentos sociais e atores populares, constituindo espaços de ação e reflexão que permitem o encontro entre estudantes, professores, técnicos, profissionais da saúde e a população dos respectivos territórios.

Igualmente serão expostos alguns textos alusivos ao trabalho que vem sendo desempenhado pelo PINAB, junto com outros parceiros da UFPB, no apoio às ações do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB) e Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde da Paraíba (ANEPS-PB), os quais vêm fixando diálogo e aproximação com variados movimentos sociais e populares do Estado da Paraíba, formulando coletivamente ações na luta em defesa do Sistema Único de Saúde e pela reafirmação e visibilidade das práticas integrativas e populares de saúde, assim como vivências, oficinas e cursos de formação. Ressaltamos que o apoio ao MOPS/ANEPS-PB se dá não só pelo PINAB, como por outras ações de Extensão articuladas pelo Núcleo de Educação Popular em Saúde da Paraíba (NEPOPS-PB), como o Projeto PalhaSUS, o Programa Mais Saúde na Comunidade, o Projeto Educação Popular e Atenção à Saúde da Família e a Coordenação de Educação Popular da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UFPB.

Na medida em que o PINAB também está vinculado ao Centro de Ciências Médicas (CCM) e, algumas ações, colaborou com as ações de fortalecimento da Extensão nesse Centro, apresentaremos, também, em alguns textos, um pouco do trabalho que foi desenvolvido pela Assessoria de Extensão do CCM, a qual buscou dar visibilidade e fortalecer as práticas de Extensão desenvolvidas em seu Centro, dentre elas o PINAB, almejando esclarecer quais eram os Projetos do Centro e como se davam as formas de atuação destes, estimulando maior participação por parte de estudantes, técnicos e professores.

Ademais, também estarão compondo esta produção depoimentos de alguns estudantes que integram o Programa, os quais, em seus textos, desvelam singelos e importantes aprendizados em suas vivências no PINAB, bem como reflexões que estes iniciaram no decorrer de sua experiência na Extensão. Estaremos disponibilizando,

igualmente, um artigo produzido por um dos coordenadores do Programa (e organizador da presente coletânea), com base na sua tese de doutoramento.

Cumpramos ressaltar que todas as experiências de Extensão desenvolvidas pelo PINAB e seus parceiros foram, em 2014, apoiadas pelo Programa de Apoio a Extensão Universitária (PROEXT) do Ministério da Educação, através dos Programas: Educação Popular e Promoção da Segurança Alimentar e Nutricional em Comunidades; e Educação Popular e Saúde do Trabalhador.

### **Referências**

CRUZ, P.J.S.C. Apresentação - O significado deste livro e da Extensão Popular na construção cotidiana de uma nova universidade. In: CRUZ, P.J.S.C.; VASCONCELOS, M.O.D.; SARMENTO, F.I.G.; MARCOS, M.L.; VASCONCELOS, E.M. (Org.). **Educação popular na universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP)**. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS – FORPROEX. **Extensão universitária: organização e sistematização**. Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

MELO NETO, J.F. Extensão universitária: bases ontológicas. In: MELO NETO, J.F. (Org.). **Extensão universitária: diálogos populares**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2002.

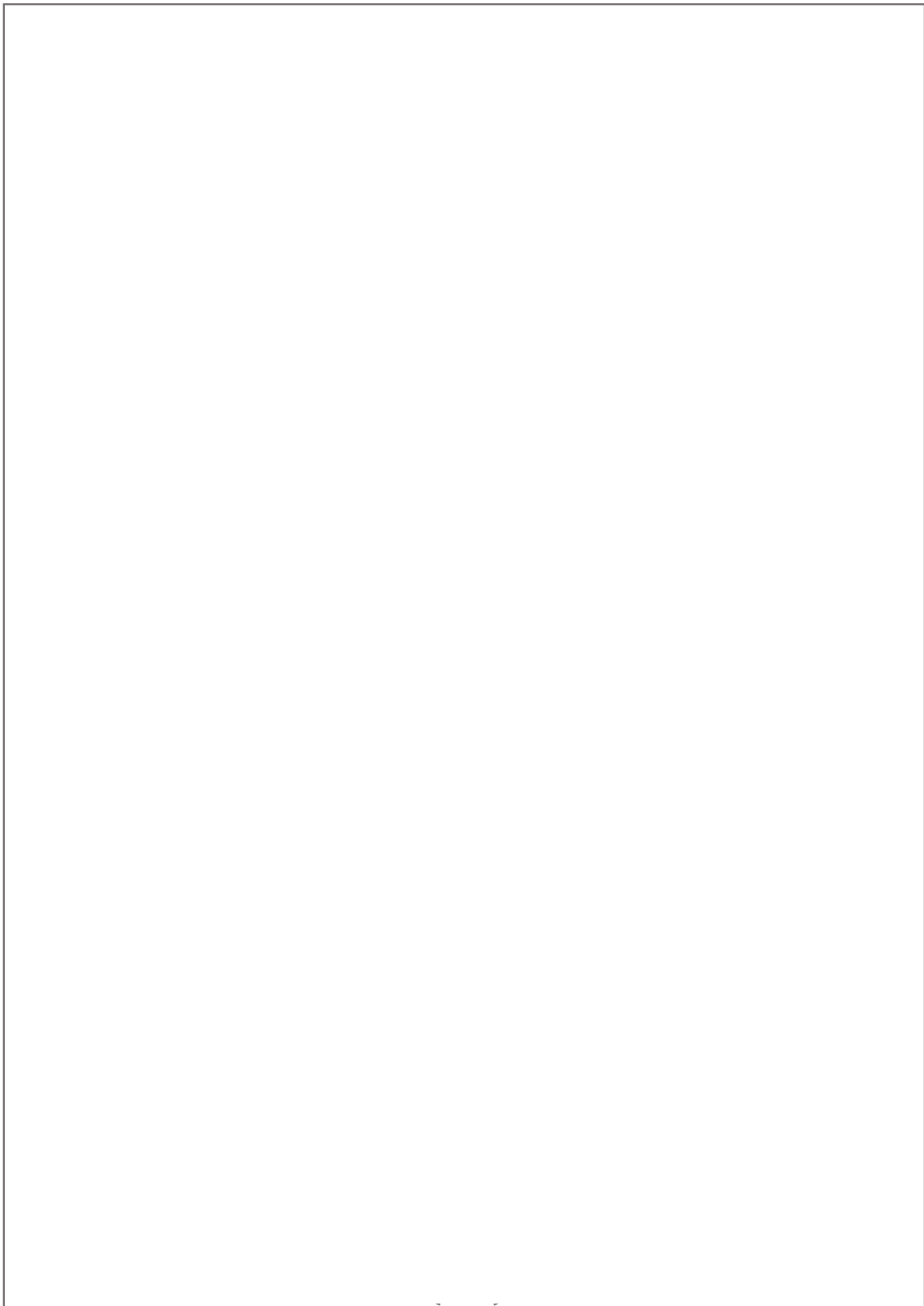
MELO NETO, J.F. **Extensão popular**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2006.

MELO NETO, J.F. **Universidade popular: texto para debate**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

### **Observação**

Reforçamos que alguns dos grupos citados ao longo dessa coletânea, e nos seus vários textos e artigos, são coordenados por equipes da Unidade de Saúde da Família Vila Saúde, sendo de responsabilidade de seus trabalhadores. A atuação do PINAB, em alguns deles, se dá no apoio sistemático, ativo e solidário no desenvolvimento e manutenção desses grupos; em alguns deles, inclusive, no apoio em seu processo de idealização e concepção. A esse respeito, frisamos que o Grupo de Caminhada é da equipe Jardim Itabaiana I; o de HiperDia é da equipe de Jardim Itabaiana I, havendo também apoio do PINAB ao Grupo de HiperDia da equipe Pedra Branca I, o Grupo de Terapia Comunitária é mediado pela educadora popular e agente comunitária de saúde Eulina Pereira, que é vinculada à equipe de Jardim Itabaiana II; e o Grupo de Saúde Mental, o Brincando com a Mente, é da equipe de Pedra Branca II. Por sua vez, alguns outros grupos são coordenados mutuamente por trabalhadores, por moradores e lideranças comunitárias, e pelo PINAB, como é o caso da Horta Comunitária, na qual o PINAB possui responsabilidade que vai além do apoio sistemático.

## **Experiências no PINAB**



## **PINAB: PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE A EXTENSÃO POPULAR<sup>1</sup>**

*Arilene Maria de Oliveira Chaves<sup>2</sup>, Niomara Andrade Lins de Vasconcelos<sup>3</sup>, Kilvyane Lísias Gondim Dias Lucena<sup>4</sup>*

### **Resumo**

Este trabalho visa trazer à roda alguns relatos das experiências das extensionistas do Programa de Extensão Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tais experiências se deram a partir das atividades ocorridas no Grupo Operativo Escola no semestre letivo 2013.2. Esse Grupo Operativo integra o PINAB junto ao Grupo Operativo Idosos, Terapia Comunitária, Saúde na Comunidade, Horta e Saúde do Trabalhador; e o seu público participante são educandos(as) do Ensino Fundamental I da Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos (EMEFAA). Além das atividades realizadas quinzenalmente na Escola, são realizadas visitas domiciliares a moradores(as) das comunidades Pedra Branca, Boa Esperança e Jardim Itabaiana, cujo objetivo é a construção do vínculo com as famílias das comunidades de forma que os integrantes do Programa possam conhecer de modo intenso a realidade social local, permitindo ainda um aprofundamento no desenvolvimento do diálogo com a comunidade. Além dessas atividades há reuniões semanais, onde são alternadas reuniões dos Grupos Operativos, reuniões de formação de cunho teórico e reuniões administrativas. Através do conjunto de atividades foram levantadas reflexões por parte das extensionistas, nas quais se destacaram as ideias de humanização, carinho/afetividade, respeito, cooperação e autonomia.

---

<sup>1</sup> Resumo apresentado no 6º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Pedagogia – Educação do Campo da UFPB; mestranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC); extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB; extensionista do Projeto de Extensão de Apoio a Articulação do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB), da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP).

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Fonoaudiologia da UFPB, extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB; graduada em Enfermagem pela Faculdade de Enfermagem Nova Esperança (FACENE); especialista em Enfermagem do Trabalho pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá.

## **EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: CONSTRUINDO CONHECIMENTOS NA ESCOLA MUNICIPAL AUGUSTO DOS ANJOS EM JOÃO PESSOA-PB<sup>1</sup>**

*Arlene Maria de Oliveira Chaves, Maria Helena Félix de Pontes Barreira<sup>5</sup>, Anatlilde  
Dalila Suassuna Sousa<sup>6</sup>*

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as ações realizadas pelo Grupo Operativo (GO) Escola do Programa de Extensão Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no decorrer do semestre letivo 2013.2 desta Universidade. As atividades foram realizadas na Escola Municipal Augusto dos Anjos, no bairro Cristo Redentor, em João Pessoa- PB, com educandos(as) do ensino Fundamental do turno da manhã, contemplando três turmas do 4º ano e três turmas do 5º ano. O planejamento das atividades foi desenvolvido pelo GO Escola com a orientação de uma nutricionista colaborada do Programa. Foram realizadas quatro atividades relacionadas à higiene e à alimentação saudável, tendo por objetivo construir um diagnóstico dos hábitos alimentares e condições de higiene e saúde das “realidades” dos educandos(as). Tais atividades foram concebidas à luz da Educação Popular, baseadas no diálogo e interação entre os estudantes voluntários e educandos(as) da Escola. O GO Escola é formado por universitários da área da Saúde e Educação. Essa junção de áreas contribuiu para a partilha de saberes e a construção coletiva da autonomia do grupo. Esta vivência permitiu aos estudantes universitários reflexões acerca das formas de se desenvolver ações de educação em saúde a partir do entendimento de que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, como afirma FREIRE (2005), o que foi vivenciado em todas as práticas do semestre.

---

<sup>5</sup> Graduanda do curso de Nutrição da Faculdade Maurício de Nassau e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>6</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

## **PESQUISA EM EXTENSÃO: DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO POPULAR, ERGOLOGIA E SAÚDE DO TRABALHADOR<sup>1</sup>**

*Renan Soares de Araújo<sup>7</sup>, Aline da Silva Alves<sup>8</sup>, Islany Costa Alencar<sup>9</sup>*

### **Resumo**

O Programa “Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica – PINAB”, em parceria com o Projeto Vidas Paralelas Nacional, desenvolve pesquisa no âmbito da Extensão sobre o processo de trabalho de professores da rede pública e de Agentes Comunitários de Saúde dos territórios onde o PINAB atua, objetivando a problematização de questões emergentes da interface entre saúde e trabalho no cotidiano destes sujeitos, através da observação participante e da formação de Grupos de Encontro de Trabalho, baseando-se no diálogo entre Educação Popular e a Ergologia. Esta pesquisa em extensão se dá pela criação de espaços de encontro quinzenais entre trabalhadores para a valorização do diálogo baseado na troca de conhecimento, de experiências, expectativas, inquietações, sonhos, interesses e direitos das pessoas, constituindo-se por meio de uma relação dialógica. Com estes encontros, pretende-se qualificar a participação popular destes sujeitos, promovendo o crescimento da capacidade crítica sobre os problemas levantados e o aperfeiçoamento de estratégias, visando à superação dos problemas, a partir de uma luta, dirigida à transformação da ordem social, política, econômica e cultural vigente. Acredita-se que esta ação permite a inserção no campo do trabalho, no sentido de compreendê-lo, problematizá-lo e construir novos conhecimentos, fomentando práticas direcionadas para novas possibilidades de mudanças a partir da percepção dos próprios trabalhadores.

---

<sup>7</sup> Graduando do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>8</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>9</sup> Graduada em Nutrição pela UFPB e integrante colaboradora da coordenação do Programa de Extensão Popular PINAB.

## **MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE E AS DIFICULDADES EM DIFUNDIR A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA<sup>1</sup>**

*Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa<sup>10</sup>*

### **Resumo**

O Programa Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB) atua na comunidade Boa Esperança, localizado no bairro do Cristo Redentor, na cidade de João Pessoa-PB. Possui como referencial teórico-metodológico a Educação Popular, que trabalha pedagogicamente com os grupos envolvidos, fomentando formas coletivas de aprendizado e investigação, pra promover o crescimento da análise crítica e estratégias de luta e enfrentamento da realidade, busca com isso proporcionar uma “troca” de saberes entre os moradores da comunidade e os acadêmicos, ou seja, uma valorização não apenas do conhecimento do extensionista, mas também do saber e valores do educando/moradores, permitindo que ele se sinta “em casa” e mantenha sua iniciativa (VASCONCELOS, 2004), e para isso, nos utilizamos de vivencias das quais abordamos temas escolhidos pelos próprios frequentadores do Programa e a partir desse tema sugerido por eles, utilizamos diversos meios pedagógicos para passar e receber esse conteúdo, com meios lúdicos como místicas, peças teatrais, roda de conversa, folders, dentre outros. Porém podemos notar, que mesmo com as divulgações, com panfletagem na comunidade e a colocação de avisos em postos de saúde falando da existência do grupo e chamando para a participação, a mobilização dos moradores ainda é bastante reduzida, sendo assim um obstáculo para uma maior interação da comunidade e a universidade.

---

<sup>10</sup> Graduando do curso de Direito da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.



## **EXTENSÃO POPULAR E TERAPIA COMUNITÁRIA: ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE A PARTIR DO CUIDAR COLETIVO<sup>1</sup>**

*Jéssica Ingrid de Araújo Gomes<sup>11</sup>, Marina Gomes Fagundes<sup>12</sup>, Daniela Gomes de Brito Carneiro<sup>13</sup>*

### **Resumo**

O Programa contribui com a Terapia Comunitária (TC) no aumento da autoestima dos participantes, fortalecendo os laços afetivos do grupo e a sociabilidade, incentivando-os a galgar sua autonomia diante da sociedade. O grupo ocorre quinzenalmente na Comunidade São Francisco no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa, Paraíba. São utilizados recursos lúdicos para maximizar o potencial que há em cada participante. Todas as fases da terapia (acolhimento, escolha do tema, contextualização, problematização e finalização) são seguidas pelas participantes. A Terapia Comunitária tem modificado as perspectivas de suas participantes contribuindo, sobretudo, para a Promoção da Saúde, aumentando a qualidade de vida das mesmas. A TC está intrinsecamente ligada com a Educação Popular desempenhando papel transformador na sociedade, realçando a valorização de si próprio, a autonomia e igualdade social.

### **Introdução**

A Promoção da Saúde (PS) entende saúde como um processo que alia valores de vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento e participação (BUSS, 2000). Para Leonardo Boff (1999), é ainda um saber cuidar de si mesmo, do outro, do meio ambiente. Assim, define-se como uma contínua ocupação, responsabilização e preocupação com o outro.

Nesse sentido, a Terapia Comunitária (TC) surgiu como um espaço de diálogo, como uma ferramenta para atores sociais promoverem saúde (SEGRE, FERRAZ, 1997). A TC acolhe, escuta e cuida dos sujeitos promovendo neles a capacidade individual de superar os problemas, potencializando a força interior que há em cada um. Assim, esta emerge como uma das metodologias em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Atenção Primária, considerando o sujeito em sua singularidade, na complexidade, na integralidade e na inserção sociocultural e busca a promoção da saúde, a prevenção, o tratamento e a redução de danos ou de sofrimentos que comprometem a vida saudável. Iniciada no Brasil, em 1990, pelo médico Adalberto de

<sup>11</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>12</sup> Graduanda do curso de Fisioterapia da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>13</sup> Graduada em Nutrição pela UFPB, mestranda em Educação pela UFPB e integrante colaboradora da coordenação do Programa de Extensão Popular PINAB.

Paula Barreto, numa tentativa de diálogo entre o conhecimento científico e o saber popular, a TC está essencialmente fundamentada em cinco pilares fundamentais e norteadores: Teoria Sistêmica, Teoria da Comunicação, Antropologia Cultural, Pedagogia de Paulo Freire e Resiliência (BARRETO, 2008).

A TC se caracteriza como um espaço de promoção de encontros, interpessoais e intercomunitários para partilhar experiências de vida e sabedoria de forma horizontal e circular, objetivando a restauração da confiança em si, a ampliação da percepção dos problemas e possibilidades de resolução a partir das competências locais, como também o empoderamento das pessoas nos contextos sociais, de vida e profissionais (BARRETO, 2005). No Brasil esta metodologia está ganhando reconhecimento frente à sua visível resolutividade diante da saúde dos participantes (FERREIRA FILHA; CARVALHO, 2010; ROCHA et al. 2009). Na Paraíba, os profissionais da Estratégia Saúde da Família têm desenvolvido grupos para melhorar os vínculos sociais entre equipe e moradores, ajudando a entender preocupações relacionadas à saúde, conflitos familiares e emocionais.

A Educação Popular (EP) surge com iniciativas de conscientização política do povo buscando a emancipação social, cultural e política das classes menos favorecidas, se dirigindo às vítimas de desigualdades. Os princípios da EP estão relacionados à mudança da realidade opressora, o reconhecimento, a valorização e emancipação dos sujeitos individuais e coletivos, sendo esses os elementos básicos para a transformação (BUSS, 2000).

Conforme aponta Rocha et al. (2009), através de diálogos e demonstrações concretas de transformação do sujeito através dos princípios ensinados na terapia, tem se despertado esse sentimento de mudança a partir de uma valorização de si próprio, a autonomia e igualdade social, incentivados pelo terapeuta. Os integrantes percebem o potencial que há em si mesmo e são levados a serem agentes ativos, e não mais passivos, do seu próprio espaço.

O Programa de Extensão Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB), vinculado ao Departamento de Promoção da Saúde e Departamento de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), apoia um grupo de TC já existente no bairro do Cristo, na Comunidade Jardim Itabaiana, conduzido pela terapeuta Eulina Pereira, também Agente Comunitária de Saúde (ACS), contribuindo de acordo com as necessidades do grupo, porém sem realizar intervenções – atividade inerente somente ao terapeuta do grupo, capacitado para tal. O PINAB é um Programa de Extensão em Educação Popular, norteado pelos princípios teóricos metodológicos da EP sistematizada por Paulo Freire e outros autores. É comprometido com o processo dialógico e a troca de saberes, estimulando o protagonismo e a autonomia dos indivíduos. O grupo tem a participação de três extensionistas, que auxiliam a terapeuta, promovendo as dinâmicas iniciais, incentivando a criação de vínculos, oferecendo momentos para entreter e divertir os integrantes do espaço, além de acompanhar a terapia em todos os momentos, agindo na Promoção da Saúde e na formação de atores

mais humanos, sensíveis às dores e fragilidades do outro. Sendo a TC um espaço para os participantes compartilharem os variados aspectos da vida, o PINAB se propõe a contribuir nesse espaço, objetivando colaborar com aumento da autoestima, fortalecer os laços afetivos e a sociabilidade, incentivando-os a galgar sua autonomia diante da sociedade.

### **Metodologia**

O grupo de TC ocorre quinzenalmente na Comunidade São Francisco no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa, Paraíba. Atualmente participam do grupo cerca de 30 mulheres. Os encontros ocorrem de maneira eficaz e ordenada, onde são estabelecidas regras, para a boa conduta na terapia como, escutar o outro, não conversar enquanto outro integrante fala, não julgar o comportamento do próximo, falar apenas de você mesmo, utilizar recursos lúdicos convenientes, entre outros (ROCHA et al. 2009).

O encontro é dividido em vários momentos, assim todos têm oportunidade de participar, facilitando a integração. Inicia-se com acolhimento, no qual os participantes que já chegaram recebem com música e muita alegria os que estão chegando, deixando-os muito à vontade ao ambiente da TC (JATAI, SILVA, 2012). Depois do acolhimento é o momento de dinâmicas, brincadeiras, alongamentos, piadas, músicas, danças, poesias, histórias curiosas e engraçadas. É um momento para interação do grupo.

Em seguida, vem o momento de ouvir o próximo. Os participantes podem falar de seus problemas, dores, dificuldades e dilemas para o grupo ouvir e aprender com o testemunho do outro, respeitando o amigo que está falando. Dito o problema, inicia-se o momento reflexivo da reunião. A terapeuta conduz a roda de forma que todos participem e os usuários sintam-se aliviados e menos angustiados. Em alguns casos, os participantes podem até enxergar uma solução para seu problema (JATAI, SILVA, 2012). Após a reflexão, é feito um momento de dedicação a si próprio. A terapeuta realiza um tempo de relaxamento, onde corpo e mente tem apenas um foco: si próprio. Não se deve pensar em nada, mas apenas se dedicar para prestar atenção ao seu próprio corpo.

Ao final, quem estiver à vontade pode dizer como se sentiu. Há ainda um espaço destinado para quem se sentir à vontade entrar no meio da roda e ser intercedida por todas, num momento de espiritualidade. O encontro se encerra com confraternização, lanche, abraços e conversas descontraídas, fortalecendo os vínculos, acolhendo os novatos, lembrando que a amizade fortalece uns aos outros (JATAI, SILVA, 2012).

### **Resultados e discussões**

Diante das dificuldades, é comum ouvi-las sobre como a terapia causa mudança na sua percepção e atitude diante dos problemas. Os testemunhos a respeito do efeito da

TC na melhoria da qualidade de vida são positivos e os depoimentos são de gratidão pelo projeto e pela disposição da terapeuta. Após as dinâmicas, as participantes sentem-se mais motivadas e satisfeitas, significando que as dinâmicas influenciam na autoestima. Aprendem a dividir e não guardar para si, mantendo a confiança e segurança de poder dividir as angústias. Cada uma pode dizer o que sente e como a terapia melhora suas inquietações. No fim, a terapeuta dá uma palavra de ânimo, para despertarem de suas consternações.

Poder expressar os sentimentos, compartilhar angústias e acontecimentos bons, faz bem, principalmente ao corpo. Esse princípio da terapia é claramente observado nas reuniões. Outro princípio observado é que quando um fala o outro cala e ouve. Assim, sentem-se à vontade em falar de seus anseios e suas dificuldades, enquanto as outras escutam e aprendem com a dor da outra. Não se pode opinar no problema alheio, deve-se analisar o problema e pensar como ela própria pode sair daquela situação.

Separar um tempo para si, para ouvir seu corpo, para respirar corretamente é fundamental para se valorizar. No ritmo do dia a dia, há tempo para mãe, pai, esposo, filhos, amigos, mas não há tempo para si, por isso a importância desse espaço. É notável a diferença nas mulheres que se entregam de corpo e alma à meditação. Dificuldades com família, problemas de saúde, violência, cansaço, o fato de cuidar mais do outro do que de si própria e as perdas têm sido os problemas mais frequentes da TC. É perceptível como essa estratégia tem atraído pessoas, trazendo mais qualidade de vida, abrandando a gravidade de seus problemas.

## **Conclusão**

Todos precisam de um espaço para contar a sua história de vida, medos, apreensões, sentimentos. É necessário um lugar seu/coletivo, em que se sinta acolhido, amado, ouvido, compreendido; um espaço para se expressar, emocionar e desabafar sem constranger-se e cuidar da saúde de forma singular. Esse espaço é a Terapia Comunitária, onde todos têm voz e vez.

## **Referências**

- BARRETO, A.P. Terapia comunitária passo a passo. Fortaleza: LCR, 2008.
- BARRETO, A.P. Terapia comunitária passo a passo. Fortaleza: LCR, 2005.
- BOFF, L. Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Atenção Primária. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. (Série Pactos, 4).
- BUSS, P.M. Promoção da Saúde e Qualidade de Vida. Ciência e Saúde Coletiva vol. 5,

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

nº 1, Rio de Janeiro, 2000.

FERREIRA FILHA, M.O.; CARVALHO, M.A.P. A Terapia Comunitária em um Centro de Atenção Psicossocial: (des)atando pontos relevantes. Revista Gaúcha Enfermagem. vol. 31, nº 2, Porto Alegre, 2010.

JATAI, J.M.; SILVA, L.M.S. Enfermagem e a implantação da Terapia Comunitária Integrativa na Estratégia Saúde da família: relato de experiência. Revista Brasileira de Enfermagem. vol. 65, nº 4, Brasília, 2012.

LOPES, E.S.L.; NÉRI, A.L.; PARK, M.B. Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. UnATI; 2005.

ROCHA, I.A. et al. A terapia comunitária como um novo instrumento de cuidado para saúde mental do idoso. Revista Brasileira de Enfermagem, 2009.

SEGRE, M.; FERRAZ, F.C.O Conceito de Saúde. São Paulo, Revista de Saúde Pública – Journal of Public Health, 1997.

## **A EXTENSÃO POPULAR NA ESCOLA E A VALORIZAÇÃO DA CULTURA<sup>14</sup>**

*Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa, Elaine Cristina Cavalcante de Souza<sup>15</sup>, Julie Hanna Fontes de Souza<sup>16</sup>, Laís Geovana Felismino Coutinho<sup>17</sup>, Emilly dos Santos Leite<sup>18</sup>, Ana Claudia Cavalcanti Peixoto de Vasconcelos<sup>19</sup>*

### **Resumo**

O Programa “Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, vinculado aos Departamentos de Nutrição e de Promoção da Saúde, atua desde 2007, orientado pelo referencial teórico-metodológico da Educação Popular, nas comunidades Jardim Itabaiana, Pedra Branca e Boa Esperança, no bairro do Cristo Redentor, Joao Pessoa – PB. Dentre as frentes de inserção do Programa, há o espaço da Escola Municipal Augusto dos Anjos, onde são realizadas as atividades semanais direcionadas à promoção da saúde dos estudantes do ensino fundamental. O presente trabalho visa relatar a experiência das práticas educativas desenvolvidas com os estudantes dos oitavos e nonos anos, voltadas às dimensões relacionadas à cultura. Foram utilizadas abordagens participativas, buscando a construção coletiva do conhecimento, inerente aos valores e aspectos culturais, como: criatividade, interatividade e inclusão social. Nessa perspectiva, a roda de conversa foi à estratégia central das ações. O varal artístico, desenhos, dobraduras (origamis) e atividades ligadas à dança, teatro e música, destacam-se entre os recursos pedagógicos utilizados. A cada início do semestre é realizado um encontro com os estudantes para identificar as necessidades existentes quanto às temáticas, abordadas no decorrer das atividades semanais. A partir desta experiência educativa, percebemos que os temas utilizados favoreceram a problematização e a partilha de conhecimentos entre os participantes, com a expressão da realidade cotidiana dos estudantes. Observou-se interesse e acolhimento por parte da comunidade escolar, em relação às propostas apresentadas com a disponibilização de horários e materiais, onde alguns professores se envolveram mais diretamente, estimulando as práticas. Entretanto, ocorreram algumas limitações ao longo do processo, ressaltando-se: a superposição das atividades do PINAB e da escola, questões ligadas à infraestrutura, como a falta de água, que inviabilizou o funcionamento da escola e o pouco envolvimento dos estudantes em algumas atividades. Apesar disso, conseguiu-se alcançar os objetivos esperados, onde os extensionistas construíram experiências pautadas pelo protagonismo, o trabalho em equipe, a amorosidade, o respeito e a paciência.

---

<sup>14</sup> Resumo apresentado no XV Encontro de Extensão da UFPB e vencedor do Prêmio Elo Cidadão.

<sup>15</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>16</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>17</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>18</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>19</sup> Professora do Departamento de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFPB e coordenadora do Programa de Extensão Popular PINAB.

## HORTA COMUNITÁRIA: UMA ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL<sup>20</sup>

*Adriana Maria Macêdo de Almeida<sup>21</sup>, Ana Paula Maia Espíndola Rodrigues<sup>22</sup>, Maria José Pereira Tavares<sup>23</sup>, Verdande Trotskaya de Araújo Medeiros<sup>24</sup>*

### Resumo

O Programa Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB) atua nas comunidades Boa Esperança, Pedra Branca e Jardim Itabaiana no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa – PB, através de ações voltadas à promoção da Segurança Alimentar e Nutricional e da Promoção da Saúde, norteadas pelo referencial teórico-metodológico da Educação Popular. O Programa está configurado em seis grupos operativos, dos quais a Horta Comunitária se apresenta como fundamental na busca pela garantia do Direito Humano à Alimentação Adequada, através de atividades educativas e lúdicas que incentivam a troca de saberes, o diálogo e a construção compartilhada. A partir da iniciativa de uma das lideranças da Comunidade Boa Esperança, que viu a necessidade de criação de um espaço potente de discussão sobre alimentação saudável e de busca por resultados concretos contra a insegurança alimentar, o PINAB iniciou o grupo com a mobilização em forma de passeio pela comunidade, distribuição de folders, explicação das ações do Programa e diálogo com os moradores sobre a situação de fome e vulnerabilidade da região, para assim, convidá-los para um espaço de questionamentos e reflexão sobre a importância e intenção da proposta de criação de uma Horta Comunitária nas margens do Rio Jaguaribe, como espaço de troca de saberes e experiências, de reflexão crítica sobre o sistema alimentar ao qual estamos inseridos, bem como de promoção de práticas alimentares saudáveis e sustentáveis e, assim, impulsionar a presença e participação na construção da Horta. Para isso, foi utilizada também a técnica da palhaçaria, como forma de facilitar o diálogo e a aproximação entre extensionistas e comunitários, e com isso, contribuir na divulgação. Crianças de várias idades se sentiram motivadas a participarem, a partir principalmente da ação dos palhaços cuidadores do Programa, e foram os primeiros moradores a compor o grupo da Horta, participando até hoje. Portanto, ocorrem semanalmente atividades de retirada do lixo, preservação do meio ambiente, sementeira e dinâmicas com a temática da sustentabilidade envolvendo, atualmente, um grupo de quatro crianças, um adolescente, um jovem e uma senhora, que apesar de uma participação ainda tímida, se fortalece a cada sexta-feira de atuação ao trocar

<sup>20</sup> Resumo apresentado no XV Encontro de Extensão da UFPB.

<sup>21</sup> Graduada em Nutrição pela UFPB, integrante colaboradora da coordenação do Programa de Extensão Popular PINAB e colaboradora do Projeto de Extensão de Apoio à Articulação do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB), da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP).

<sup>22</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>23</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>24</sup> Graduanda do curso de Enfermagem do Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

constantemente experiências, buscando alternativas para melhorar o espaço e tendo como fruto a construção de um conhecimento único e compartilhado. No entanto, alguns desafios elencados pelos extensionistas inviabilizam ou dificultam determinadas ações, uma vez que o ambiente utilizado se encontra dominado pelo tráfico da região, e com isso afasta alguns moradores, principalmente as crianças que por vezes se sentem ameaçadas, além disso, a poluição e o descarte inapropriado do lixo convivem nas proximidades da Horta, na medida em que a população não possui local adequado para os resíduos e por isso, os coloca em terrenos baldios próximos à nascente do Rio Jaguaribe. Portanto, a valorização desse espaço é fundamental para o fomento à emancipação e independência dos cidadãos, auxiliando na formação de uma população ativa e preocupada com o interesse coletivo e que luta e busca alternativas para a problemática da fome e da insegurança alimentar.



## GRUPO SAÚDE NA COMUNIDADE: ESPAÇO DE DIÁLOGO E APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DE UMA HORTA COMUNITÁRIA<sup>20</sup>

*Andressa Medeiros Araújo<sup>25</sup>, Angela Maria Barros Silva<sup>26</sup>, Felipe Lima Soares<sup>27</sup>, Pedro José Santos Carneiro Cruz<sup>28</sup>, Renan Soares de Araújo*

### Resumo

O Programa de Extensão Universitária “Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, que tem sua atuação orientada pelos princípios teórico-práticos da Educação Popular, divide suas atuações em grupos operativos, dentre eles os grupos “Horta Comunitária” e “Saúde na Comunidade”. Enquanto o primeiro vem desenvolvendo a construção de uma horta comunitária às margens da nascente do rio Jaguaribe, na comunidade Boa Esperança, no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa-PB, o segundo vem sendo desenvolvido através de reuniões para problematização de questões emergentes do ambiente, com conteúdos relativos à promoção da saúde, alimentação saudável, qualidade de vida, poluição, reciclagem, preservação, sustentabilidade e dentre outros. Ambos visam propiciar que a horta se configure como um espaço rico de construção compartilhada do conhecimento. As reuniões do grupo Saúde na Comunidade ocorrem quinzenalmente após atividades de manutenção da horta, como limpeza e plantio de novas espécies de hortaliças e ervas medicinais. Participam agentes comunitários de saúde, estudantes, professores, e moradores que residem nas proximidades de onde a horta vem sendo construída. Nos encontros do grupo são utilizadas estratégias que buscam debater sobre temas relacionados à conscientização ambiental e à saúde. Tais estratégias são empregadas através de dinâmicas de caráter coletivo e nelas são utilizados de recursos como: configuração de cartazes informativos e balões de festa em dinâmicas que buscam trabalhar o cuidado com o outro e com a natureza, seguido de rodas de conversa e dança com o objetivo de apresentar a importância do trabalho em equipe e de zelar não apenas pelo local em que a horta se encontra, mas por todos os espaços nos quais estamos inseridos. Tudo isso visando a integração entre os indivíduos presentes para que o encontro se configure, acima de tudo, como um momento de união, acolhimento, diversão, diálogo e de construção compartilhada do saber, não apenas como local de um fazer técnico. Há constante interação dos participantes entre si e com o meio ambiente, favorecendo vínculos sociais e a modificação de comportamentos ambientalmente não-

<sup>25</sup> Graduanda do curso de Fisioterapia da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>26</sup> Graduanda do curso de Fisioterapia da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>27</sup> Graduando do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>28</sup> Professor do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas, coordenador do Programa de Extensão Popular PINAB e coordenador do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integradas de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

sustentáveis. Através das ações, observa-se a participação de quase todos os envolvidos, sendo a maior parte de crianças e adolescentes, os quais em sua grande maioria estão sempre dispostos a participar. A partir das atividades desenvolvidas, tem-se fomentado encontros e conversas na direção de um olhar crítico e problematizador dos sujeitos que participam da construção da horta comunitária, o que tem viabilizado o desenvolvimento de um saber-agir pautado na consciência e ética ambiental. Auxiliando na formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com as causas ambientais e com a promoção da saúde.

## CUIDADO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA PARA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DO IDOSO<sup>20</sup>

*Bruno Oliveira de Botelho<sup>29</sup>, Eduarda Nóbrega Fabião do Nascimento<sup>30</sup>, Gabriella Nayara Siqueira de Lima<sup>31</sup>, Pedro José Santos Carneiro Cruz, Renata Gomes Barreto<sup>32</sup>, Silvana Cristina de Araújo Pereira Venceslau<sup>33</sup>*

### Resumo

O Programa Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB), atuante desde o ano de 2007, vêm trabalhando em diferentes frentes nas comunidades, Boa Esperança, Jardim Itabaiana e Pedra Branca, no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa-PB. Está organizado estruturalmente em seis grupos operativos: horta comunitária, saúde na comunidade, saúde do trabalhador, terapia comunitária, escola e o grupo idosos. O Programa baseia-se no referencial teórico metodológico da Educação Popular (EP), buscando fazer dos sujeitos comunitários seres participativos e autônomos, como caminhos emancipatórios frente à realidade opressora em que vivem. É através dessa perspectiva que há promoção da qualidade de vida dos grupos populares. Seguindo os preceitos da EP, o grupo operativo de trabalho com idosos vêm desenvolvendo suas atividades todos os sábados pela manhã, no lar de longa permanência Associação Promocional do Ancião Dr. João Meira de Menezes (ASPAN), localizado na comunidade Jardim Itabaiana. Mediante ao grupo operativo idosos, o PINAB busca promover ações que incentivem também elementos intersubjetivos como a transcendência, espiritualidade e a reaproximação e conexão com o eu profundo. A partir desses pilares, cria-se um vínculo extensionista-idoso, com o qual é construído o cuidado em saúde. Assim, o trabalho é realizado por intermédio da vontade dos próprios idosos, utilizando de suas atividades prediletas como músicas e movimentação corporal, contemplando inclusive aqueles que talvez tenham perdido alguma habilidade, como por exemplo, a ortostasia. É importante destacar que, muitas vezes, apesar de termos um roteiro de atuação que varia semanalmente, a escuta terapêutica continua sendo a atividade mais esperada por muitos. Diante disso, busca-se conhecer os seus interesses, o que os fazem se sentir bem, o que dá significado às suas vidas. Como Programa de Extensão Universitária, o PINAB vem desenvolvendo ações sociais no contexto comunitário, fazendo com que o extensionista ultrapasse o limite de sua especificidade acadêmica, vislumbrando novos contextos sociais, porém com um novo olhar, um olhar que enxerga mais a potencialidade do sujeito, realçando sua emocionalidade e sensibilidade, tanto profissional quanto pessoal. Dessa forma, o estudante contribui, na promoção da qualidade de vida, no tocante à subjetividade e

<sup>29</sup> Graduado em Fisioterapia pela UFPB e integrante colaborador da coordenação do Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>30</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>31</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>32</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>33</sup> Graduanda do curso de Fisioterapia da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

emancipação humana dos sujeitos. Consideramos que esta forma de fazer da Extensão um trabalho social útil, faz com que os estudantes saiam do isolamento universitário, da miragem de um saber sem gente, de um conhecimento sem experiência. Sendo assim, as práticas de cuidado, apesar de compreender atitudes simples - como o tocar, o olhar, o ouvir e o sentir o outro - têm a potencialidade de demonstrar ao indivíduo sua importância e dignidade, vai além do cumprimento da responsabilidade profissional. Concluindo, o cuidado em saúde é algo transcendente, pois ultrapassa as barreiras físicas e tecnicistas do conhecimento, direcionando-se à promoção da qualidade de vida de forma integral.

## EXTENSÃO POPULAR E ERGOLOGIA: PERCEPÇÕES CRÍTICAS DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE SOBRE SEU PROCESSO DE TRABALHO<sup>20</sup>

*Islany Costa Alencar, Kildere Mendes Malaquias<sup>34</sup>, Lays França de Queiroga Dutra<sup>35</sup>, Renan Soares de Araújo*

### Resumo

Compreendemos a importância do papel dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) como elo de confiança e de comunicação entre a comunidade e a Unidade de Saúde. Sua atuação se configura como um dos fatores determinantes no processo de efetivação da Estratégia de Saúde da Família. Nesta concepção, o Programa de Extensão Universitária “Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, vinculado ao Departamento de Promoção da Saúde e de Nutrição da UFPB, que desenvolve ações pautadas pelos aportes teórico-metodológicos da Educação Popular, sentiu a necessidade de desenvolver uma pesquisa tendo como público-alvo ACS’s de uma Unidade de Saúde da Família do Município de João Pessoa-PB. O estudo realizado partiu de um diálogo entre a Educação Popular, a qual tem como base o respeito pelas experiências anteriores dos sujeitos, a promoção da autonomia, a troca de conhecimentos e a construção de novos saberes de forma dialogada e a Ergologia que analisa o trabalho como atividade iminentemente humana, buscando melhor compreender para traçar etapas adequadas de intervenção nas situações que incomodam e oprimem. Para a efetivação das atividades, foram organizadas reuniões de planejamento e, a partir destas, criávamos uma programação que permitisse a participação dos ACS’s — através do diálogo — de maneira confortável, para falar sobre o seu cotidiano no decorrer dos Grupos de Encontro de Trabalho. A partir destes encontros, foram sucessivamente sendo produzidas abordagens que pudessem viabilizar um olhar holístico e problematizador sobre o processo de trabalho do ACS, efetivando uma mudança de perspectiva e de propostas de mudanças projetadas pelos mesmos. No desenrolar da pesquisa, foram detectadas como fragilidades: a grande carga de responsabilidade e cobranças pelos quais estes arcam na realização de suas atividades, fatores físicos, ambientais e climáticos, falta de materiais necessários para a realização do trabalho, além de questões não táteis, como a relação conflitante com a comunidade e a equipe de saúde. Além destas, outras dificuldades destacadas foram: a falta de reconhecimento por parte da gestão na realização das atribuições dos ACS’s e a baixa remuneração, fato este que muitos deles tentam se sobressair buscando outras maneiras para elevar a renda mensal, o que acaba ocasionando bastante desgaste físico. Através das metodologias utilizadas durante os encontros, foi possível observar a percepção dos ACS’s para a necessidade do cuidado, apresentando como benefício o fortalecimento de

---

<sup>34</sup> Graduando de Enfermagem e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>35</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

seu trabalho, fazendo-os refletirem sobre as diversas formas de cuidado, com eles e com os outros, despertando-os para uma postura mais proativa e participativa nos espaços de inserção. Diante disto, concluiu-se que os encontros foram de grande importância tanto para os extensionistas quanto para os ACS's que dialogaram e trocaram conhecimentos e experiências, propiciando, assim, a construção de um saber positivo para ambos os participantes, a partir da reflexão e do reconhecimento dos alcances e limites do trabalho desenvolvido, desencadeando propostas alternativas para solução dos problemas.

## TERAPIA COMUNITÁRIA: PROMOVENDO SAÚDE A PARTIR DA EDUCAÇÃO POPULAR<sup>20</sup>

*Jéssica Ingrid de Araújo Gomes, Niomara Andrade Lins de Vasconcelos, Soraya Paulina de Oliveira Saldanha<sup>36</sup>, Allan Diniz Carvalho<sup>37</sup>, Daniela Gomes de Brito Carneiro*

### Resumo

A Terapia Comunitária surgiu da necessidade da existência de um espaço de escuta das lutas e sofrimentos vivenciados pela população brasileira, se constituindo como um local de acolhimento, diálogo, vínculo e partilha. Trata-se de uma “terapia para prevenção”, cujo foco é o sofrimento e não a doença, possibilitando que a Promoção da Saúde faça parte desse contexto onde os indivíduos querem ser “curados” por dentro, na sua dor, e não por fora, no seu corpo. Configura-se como um ambiente para promover saúde a partir de uma rede de solidariedade, visando a troca de experiências, o saber popular e a escuta do outro. A Terapia Comunitária está intrinsecamente ligada à Educação Popular buscando desempenhar um papel de colaboração na transformação da sociedade, realçando a valorização de si próprio, a autonomia e a igualdade social. O presente trabalho tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas pelo Programa de Extensão Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB), vinculado aos Departamentos de Promoção da Saúde e de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba, em um grupo de Terapia Comunitária. O grupo ocorre semanalmente na Comunidade São Francisco no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa, Paraíba. Atualmente, cerca de 30 mulheres fazem parte desse grupo compartilhando sentimentos de angustia, sofrimento e dor. Os relatos de experiências vivenciadas e compartilhadas ajudam outras participantes a encontrar o seu próprio caminho sendo capaz de superar as suas próprias dificuldades. O Programa auxilia a terapeuta comunitária, também Educadora Popular e Agente Comunitária de Saúde, na organização do espaço físico, nas dinâmicas que iniciam a terapia e na organização de momentos de integração entre as participantes. As dinâmicas iniciais são de acolhimento, entrosamento e descontração para que as participantes se divirtam, relaxem e passem a confiar umas nas outras para então desabafar e expor suas dores mais profundas. Na visão dos extensionistas participantes deste grupo, a Terapia Comunitária contribui de forma direta em suas formações enquanto futuros profissionais de saúde, tornando-os seres mais humanizados, com uma visão ampliada frente aos indivíduos com quem eventualmente trabalharão.

---

<sup>36</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>37</sup> Graduando do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista do Programa de Extensão Popular PINAB.

## **A VISITA DOMICILIAR COMO ABORDAGEM PARA A EMANCIPAÇÃO COMUNITÁRIA: LIMITAÇÕES E POTENCIALIDADES<sup>20</sup>**

*Marina Gomes Fagundes, Bruno Oliveira de Botelho, Ana Cláudia Cavalcanti Peixoto Vasconcelos*

### **Resumo**

O Programa Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB) atua há sete anos nas comunidades Boa Esperança e Jardim Itabaiana, no bairro Cristo Redentor em João Pessoa. Este Programa de Extensão busca uma formação interdisciplinar por meio de práticas orientadas pelos princípios da Educação Popular (EP) freireana, voltadas à Promoção da Saúde e da Segurança Alimentar e Nutricional. O PINAB realiza suas ações a partir de duas vertentes: grupos operativos temáticos e visitas domiciliares (VD). Este trabalho focaliza o papel das VD do PINAB como abordagem que favorece à emancipação dos sujeitos. As VD são utilizadas como recursos estratégicos de desenvolvimento da autonomia, participação social ativa e incentivo das práticas de saúde do público alvo. Isto ocorre por meio da interação educativa dialógica e elementos intersubjetivos como o vínculo afetivo transcendente às relações de trabalho. Para o procedimento das VD, realiza-se um levantamento das famílias através de um mapeamento das comunidades Boa Esperança e Jardim Itabaiana pela coordenação comunitária do Programa. Assim, cada dupla de extensionistas se responsabiliza por duas casas, visitando-as quinzenalmente. Vinte famílias foram visitadas no período 2014.1, sendo que as mulheres predominavam entre os participantes. A dinâmica das visitas domiciliares é voltada para a escuta ativa dos sujeitos, abrangendo dimensões como – problemas pessoais, família, questões de saúde, condições socioeconômicas. Nessa perspectiva visamos a construção de práticas saudáveis associadas às interações pessoais com outras frentes de ações do Programa, incentivando um pensar crítico que possibilita a práxis em ações que modifiquem a realidade social dos envolvidos. Este enfoque é embasado pelos fundamentos da EP, com destaque para a dialogicidade, a valorização do saber popular, a amorosidade e, principalmente, a capacidade de problematizar e solucionar situações-limites na busca do ser mais. As VD possuem o potencial da interação direta com o sujeito no âmbito do trabalho comunitário, objetivando tornar a população autora de sua própria mudança e têm possibilitado aos estudantes uma aproximação com a realidade da comunidade e a identificação entre sujeitos de diferentes grupos populares, onde a empatia e compaixão permitem transcender as motivações meramente tecnicistas. Dessa maneira, a atividade da extensão torna-se um trabalho social útil. Contudo, possuem fragilidades ligadas à formação do vínculo, uma vez que este requer tempo para que se desenvolva. Entre os agravantes estão o intervalo entre os encontros, os feriados e a limitação do calendário letivo para as atividades de extensão. Além disso, temos dificuldade para acessar uma



## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

parte do público como o homem jovem e trabalhador. Tais questões repercutem negativamente, para a geração da autonomia e da emancipação. Sendo, portanto necessária uma reorientação na formatação das VD no sentido de adequá-las aos propósitos do PINAB.

## HORTA POPULAR BOA ESPERANÇA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO POPULAR<sup>20</sup>

*Adriana Maria Macêdo de Almeida, Iris de Souza Abílio<sup>38</sup>, Jéssica de Lima Spinellis de Carvalho<sup>39</sup>, Laryssa Bryd Gomes de Sousa<sup>40</sup>, Pedro Jose Santos Carneiro Cruz*

### Resumo

A Horta Popular Boa Esperança é uma das frentes de atuação do Programa de Extensão Popular Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB). O Programa atua desde agosto de 2007 nas comunidades Boa Esperança, Pedra Branca e Jardim Itabaiana, localizadas no bairro do Cristo Redentor, João Pessoa/PB. E desde fevereiro de 2014 a horta esta sendo desenvolvida na comunidade Boa Esperança, através de encontros semanais que buscam promover a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e a participação popular, com o intuito de proporcionar mudança da realidade a partir do protagonismo dos sujeitos. A iniciativa da horta popular na comunidade Boa Esperança surgiu a partir do diálogo entre os atores do Programa e as lideranças comunitárias. E para que essa ideia se concretizasse de início realizamos divulgações pela comunidade conversando diretamente com a população, explicando nossa proposta, distribuindo folders e colando cartazes pelas ruas. Porém mesmo com a grande divulgação, a comunidade não tem respondido de forma significativa, o numero de integrantes ainda é muito pequeno, e com um perfil predominantemente infantil. Com isso alguns questionamentos foram lançados em relação a essa falta de protagonismo da população adulta, será que eles estão desacreditados que as atividades que entram na comunidade possam evoluir? Ou será que é por falta de conhecimento da importância da horta para comunidade?. Independente do motivo que ocasionou essa circunstância é sentido pelo grupo uma necessidade de explicar melhor a eles a importância desse trabalho, por exemplo, de uma alimentação saudável, da diferença entre um alimento industrializado e um orgânico, e das inúmeras doenças que podem ser evitadas com uma boa alimentação. Para que desta forma a sensibilização seja a nossa maior estratégia de mobilização. Como também fortalecer a atuação e protagonismos dessas crianças que frequentam a horta, e para isto estamos aliando atividades de conscientização do cuidado com meio ambiente e promoção da saúde em paralelo com a construção da horta, também buscando e estimulando o trabalho em equipe e a divisão de tarefas entre eles, tendo em vista a formação dessas crianças como sujeitos mais ativos em sua realidade. Levando-se em consideração esses aspectos, pretendemos continuar a estimular a participação da comunidade, trabalhar com eles os benefícios trazidos pela horta e mostrar o quanto eles podem vir a contribuir nessa construção, considerando que grande parte da população tem um conhecimento empírico sobre o assunto, não este que aprendemos nos livros da

<sup>38</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>39</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>40</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

universidade, e sim através da experiência, muitas vezes passado de geração para geração, e que deve ser muito valorizado, pois é fundamental para o processo de formação de conhecimento, desenvolvimento e funcionalidade da Horta Comunitária Boa Esperança.

**A EXTENSÃO POPULAR: PROCESSO DE APROXIMAÇÃO E FORMAÇÃO DE VÍNCULOS EM EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NA ESCOLA AUGUSTO DOS ANJOS, JOÃO PESSOA-PB<sup>20</sup>**

*Angélica Palitot Dias de Lacerda<sup>41</sup>, Elina Alice Alves de Lima Pereira<sup>42</sup>, Wendy Chrystyan Medeiros de Sousa<sup>43</sup>, Ana Cláudia Cavalcanti Peixoto de Vasconcelos*

**Resumo**

Na última década as atividades de Extensão têm se destacado no âmbito acadêmico. Dentre as concepções de Extensão Universitária, insere-se a Extensão Popular, orientada pelos princípios teórico-metodológicos da Educação Popular (EP). Nesse sentido, apoia-se na partilha do saber técnico-científico com o conhecimento empírico da população, visando modificar a realidade a partir do protagonismo do sujeito, fortalecendo as práticas do cuidado, a participação social, a emancipação e o vínculo entre os sujeitos. Nessa perspectiva configura-se o Programa de Extensão Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB), vinculado aos Departamentos de Nutrição e de Promoção da Saúde/UFPB. Com base no referencial teórico-metodológico da EP sistematizada por Paulo Freire, o PINAB atua desde 2007, buscando a Promoção da Saúde e da Segurança Alimentar e Nutricional, em equipamentos sociais e comunidades do bairro do Cristo Redentor, em João Pessoa-PB. Uma escola municipal tem sido uma das frentes de atuação do Programa, onde desenvolve atividades voltadas aos estudantes do ensino fundamental II. Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência desenvolvida, buscando destacar os limites e potencialidades da abordagem educativa utilizada para a construção do vínculo dos extensionistas com os estudantes da referida escola. As atividades foram realizadas com os estudantes dos nonos anos, distribuídos em duas turmas, perfazendo um total de 42 alunos. Utilizamos como recurso metodológico central, o diálogo, por meio de rodas de conversa para que as escolhas das temáticas partisses dos estudantes, onde nosso papel consistiu, sobretudo, em facilitar o processo de construção do conhecimento, a partir da horizontalização das relações e da reflexão crítica dos mesmos buscando estimulá-los a se perceberem como sujeitos do processo. Nesse sentido, no decorrer dos encontros emergiram alguns temas, como: teatro, trabalhos artísticos (confecção de cartazes, desenhos e origamis) e as profissões. Buscamos com as atividades, proporcionar a interação entre os envolvidos, de modo que os estudantes fossem cativados, e assim sentissem confiança frente ao grupo de extensionistas, possibilitando a construção de um vínculo com esse grupo. Contudo, percebemos desde o primeiro contato, o quão desafiador seria o estabelecimento da aproximação com os participantes, não apenas por

<sup>41</sup> Graduanda do curso de Fisioterapia da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>42</sup> Graduanda do curso de Direito da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>43</sup> Graduanda do curso de Terapia Ocupacional da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

serem adolescentes e vinculados a um contexto socioeconômico vulnerável, mas também por manifestarem um estranhamento quanto a nossa presença, e os motivos da nossa inserção naquele espaço, tendendo a provocar resistência na participação das atividades propostas. Assim, notamos que ao invés de levar algo já formatado previamente, necessitávamos construir com os estudantes, valorizando a co-responsabilidade e a particularidade de cada olhar, por meio de uma abordagem mais problematizadora e menos “bancária”. A partir da EP, buscamos provocar a participação, visão crítica e humanística, dos estudantes e extensionistas. A formação do vínculo favoreceu a construção da confiança e o interesse de participação dos alunos perante as atividades que lhes foram propostas, facilitando as futuras atividades do PINAB na escola. Portanto, espera-se que a partir deste elo construído entre estudantes e extensionistas, as atividades serão encaradas de modo mais protagônico e acolhedor, proporcionando resultados mais efetivos.

## **AS PLANTAS MEDICINAIS E O USO DE FITOTERÁPICOS NA COMUNIDADE: EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES A PARTIR DE UM GRUPO COMUNITÁRIO EM SAÚDE<sup>20</sup>**

*Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa, Laís Geovana Felismino Coutinho, Emilly dos Santos Leite, Larissa de Almeida Silva Lima<sup>44</sup>, Julie Hanna Fontes de Souza, Pedro José Santos Carneiro Cruz*

### **Resumo**

O Programa Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB) atua desde 2007 com as comunidades: Jardim Itabaiana, Pedra Branca e Boa Esperança, no bairro do Cristo Redentor, João Pessoa-PB. Tem como referencial teórico-metodológico a Educação Popular e, dentre suas amplas ações, discutiremos neste trabalho o grupo Saúde na Comunidade. Por meio de rodas de diálogos, foi criado um espaço quinzenal de discussão onde foi possível trazer vários temas a partir da observação dos estudantes quanto à necessidade dos moradores, valorizando os saberes e a cultura de todos. Entre os temas discutidos no grupo no primeiro semestre de 2014, destacou-se a fitoterapia. Nos encontros com discussão acerca deste tema, oportunizaram-se momentos em que a comunidade pôde expor seus conhecimentos e experiências sobre as plantas medicinais e como usa-las. Previamente, os extensionistas estudaram sobre os fitoterápicos, fundamentando a sua importância, para que são indicados e as precauções da utilização do mesmo. No decorrer das ações, foram as pessoas da comunidade que lideraram os ensinamentos compartilhados no grupo, trazendo em suas falas histórias de vida para ilustrar as diversas formas que utilizaram as plantas para tratar alguma situação de saúde e doença. Apesar do bom andamento dos diálogos, falas e reflexões trocadas, alguns desafios foram identificados sobre esta temática na comunidade. Observou-se que o saber popular das plantas vinha sendo a cada geração, deixado de lado, perdendo-se ao longo do tempo em função da crescente medicalização social e da praticidade oferecida pela mesma e pela dificuldade no diálogo intergeracional nos últimos tempos. Esta experiência demonstrou o acúmulo de conhecimento da comunidade e a significância do saber popular na produção de saúde. Ficou evidente que algumas aulas não necessitam estar dentro dos muros da universidade.

---

<sup>44</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

## ATIVIDADES DE EVIDÊNCIAS DAS SITUAÇÕES-LIMITE E CONSTRUÇÃO DOS INÉDITO-VIÁVEIS NAS PRÁTICAS TRABALHISTAS DOS PROFESSORES<sup>20</sup>

*Ana Karina Caminha de Araújo Silva<sup>45</sup>, Livia Yoná Martins da Mata<sup>46</sup>, Marina Gomes Fagundes, Simone Farias de Sousa<sup>47</sup>, Bruno Oliveira de Botelho*

### Resumo

O Programa Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB) atua há sete anos nas comunidades Boa Esperança e Jardim Itabaiana, no bairro Cristo Redentor em João Pessoa. Este Programa de Extensão busca um desenvolvimento segundo o referencial teórico-metodológico da Educação Popular, o qual busca no diálogo a ampliação da compreensão do mundo, e o reconhecimento do outro através de suas histórias e valores. O Programa atua mediante diversos grupos operativos (GO), entre eles o Saúde do Trabalhador, promovendo a percepção dos estudantes ao trabalho dos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos (EMEFAA). O grupo trabalhava com as seguintes metodologias: as visitas de observação em conjunto com os trabalhadores em sua realidade diária, registradas através das atas posteriormente utilizadas na sistematização da experiência; e a realização de Grupos de Encontro de Trabalho (GET's), com o intuito de identificar potencialidades e dificuldades quanto às suas relações de trabalho e saúde, a fim de alcançar os inéditos viáveis para os desafios expostos. As visitas objetivaram observar o contexto da rotina trabalhista dos professores, numa visão externa ao trabalho, acompanhando suas atividades na escola. A estrutura física falha das salas de aula e a falta de material, são exemplos negativos que refletem no desempenho de aprendizado. Porém, diante do observado, é notório o respeito à dialogicidade presente nas relações pedagógicas. Nos GET's foram refletidas sobre as boas condições no cotidiano de suas atividades, como por exemplo: a necessidade de um inspetor disciplinar; falta de ambiente exclusivo dos professores; alta exigência da direção em contraste ao pouco reconhecimento do mérito; baixa remuneração salarial; além do acúmulo de atividades para além do horário de expediente. Apesar dos desafios, os professores enxergam potencialidades, como: exercer profissionalmente uma atividade que lhes dá prazer ao acreditarem na educação como ferramenta transformadora da realidade. É importante que as escolas sejam promotoras da saúde dos estudantes, mas também dos docentes, atentando às dificuldades desses profissionais, valorizando seus serviços prestados. Como encaminhamentos gerados a partir dos GET's, os professores sugeriram algumas soluções perante a realidade que vivenciam como a ampliação das ações do Programa Saúde na Escola privilegiando também os professores, uma nova proposta de política pública voltada para a saúde dos docentes. O presente trabalho evidenciou os problemas

<sup>45</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>46</sup> Graduanda do curso de Nutrição da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

<sup>47</sup> Graduanda do curso de Fisioterapia da UFPB e extensionista no Programa de Extensão Popular PINAB.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

das condições ocupacionais, buscando desenvolver ações reflexivas dos professores quanto ao ambiente escolar, promovendo assim uma nova concepção crítica que auxilia na geração de autonomia desses sujeitos.



## **PROMOÇÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE UM PROGRAMA DE EXTENSÃO POPULAR<sup>14</sup>**

*Ana Paula Maia Espíndola Rodrigues, Pedro José Santos Carneiro Cruz, Renan Soares de Araújo*

### **Resumo**

O momento atual da sociedade está marcado por contradições significativas do ponto de vista social, econômico e político. Como expressão deste processo, observa-se a insegurança alimentar, com reflexos na desnutrição, no excesso de peso e nas doenças crônicas não transmissíveis. Apesar dos avanços nas políticas públicas de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), é expressivo o número de famílias em situação de fome, vulnerabilidade social e pobreza, para as quais caminhos sustentáveis e autônomos na realização da alimentação como direito humano se revelam fundamentais. A partir disso, o Programa de Extensão Universitária “Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, vinculado aos Departamentos de Nutrição e Promoção da Saúde/UFPB, atua desde 2007 nas Comunidades Boa Esperança, Pedra Branca e Jardim Itabaiana, no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa/PB, desenvolvendo ações norteadas pela metodologia da Educação Popular – como perspectiva que se coloca a favor da autonomia dos sujeitos – com foco na SAN e Promoção da Saúde. Com isso, o PINAB subdivide-se em seis grupos operativos, dentre os quais os Grupos Escola e Horta Comunitária destacam-se como potenciais promotores da SAN. O ambiente escolar é definitivo na compreensão dos jovens do meio em que vivem e no processo de construção do seu modo de ser, pensar e agir, além de propiciar espaços estratégicos para discussão e problematização de hábitos, costumes e tradições alimentares, assim como aspectos sociais, econômicos e culturais inerentes à alimentação, tomando como partida a subjetividade e a complexidade do comportamento alimentar. As atividades do Grupo são realizadas quinzenalmente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos, contemplando o tema abordado através de ferramentas metodológicas lúdicas e com linguagem brincante, com esquete, gincana, cordel, discussões abertas, entre outras, para participação ativa dos estudantes. Já a construção da Horta, às margens do Rio Jaguaribe, se destaca como ação protagonizada por moradores e lideranças populares locais, sendo delineada como espaço comunitário de estímulo à alimentação saudável, sustentabilidade, participação popular, Direito Humano à Alimentação Adequada, dentre outros elementos intrínsecos ao campo da SAN. Participam semanalmente dos encontros deste Grupo: crianças, adolescentes e idosos, que se motivaram desde o primeiro momento a participar e contribuir com o espaço, buscando aprender, ensinar, quebrar paradigmas e transformar o mundo, fazendo-o melhor, através de atividades que vão desde o ensino-aprendizagem no trabalho manual de limpeza, construção e manutenção de canteiros, ao plantio e colheita de espécies variadas de hortaliças. Diante disto, observa-se um interesse cada vez maior dos extensionistas, de diferentes cursos, em participar das ações voltadas a

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

SAN, antes observadas apenas nos estudantes de Nutrição. Posteriormente, a transformação foi evidente na comunidade, uma vez que os moradores, antes descrentes de qualquer possibilidade de mudança, se mostraram preocupados com os temas abordados e conscientes da necessidade de reflexão crítica a respeito deles, possibilitando, assim, a incorporação e adoção de hábitos saudáveis, a interação entre os sujeitos e a natureza e a participação efetiva da população em atividades que contribuem na construção de uma sociedade íntegra e participativa.

## **EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA HUMANIZANTE NA CONSTRUÇÃO DE UMA HORTA COMUNITÁRIA<sup>48</sup>**

*Renan Soares de Araújo, Pedro José Santos Carneiro Cruz, Verdande Trotskaya de  
Araújo Medeiros, Ana Paula Maia Espíndola Rodrigues*

### **Introdução**

A Educação Popular em Saúde (EPS) tem sido um instrumento fundamental na construção histórica de uma visão de saúde integral, ao ampliar a inter-relação entre as várias profissões, especialidades, serviços, doentes, familiares, vizinhos e organizações sociais locais engajados em problemas específicos de saúde, com vista no trabalho de fortalecimento e reorientação de práticas, saberes e lutas (VASCONCELOS, 2004, p. 73-74). Dessa forma, a EPS trabalha pedagogicamente, de modo horizontal, todos os grupos envolvidos no processo de participação popular, pelo fomento de formas coletivas de crescimento da capacidade de análise crítica da realidade e pela busca de estratégias de luta e enfrentamento. Assim, como forma de manter a iniciativa própria dos sujeitos, toma como ponto de partida os saberes anteriores das classes populares, sem reproduzir a passividade inerente dos processos pedagógicos tradicionais, além de extinguir qualquer forma de transmissão de conhecimento, com ênfase na construção compartilhada desse e da organização política necessária, e tem em seu objetivo a busca por problematizar, sempre, o que incomoda e oprime (VASCONCELOS, 2011, p. 29).

Orientado por este conceito, o Programa de Extensão Universitária “Práticas Integradas de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, surgiu em agosto de 2007 por iniciativa de estudantes e de uma docente do curso de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo em 2012 seu quadro estudantil ampliado, o que passou a inserir estudantes de vários cursos e de outras universidades públicas e particulares. A atuação do Programa é desenvolvida nas comunidades Boa Esperança, Pedra Branca e Jardim Itabaiana, no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa – PB e atua em parceria com a Associação Promocional do Ancião (ASPAN), com as Unidades de Saúde da Família Vila Saúde e Unindo Vidas, e com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Augusto dos Anjos.

O PINAB, atualmente, divide sua atuação em várias frentes ou grupos operativos: Grupo de Idosos, Terapia Comunitária, Grupo Escola, Saúde do Trabalhador, Saúde na Comunidade e Horta Comunitária. Apresenta como eixo norteador a pedagogia-metodologia da Educação Popular em Saúde e constrói suas ações através dos princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde

---

<sup>48</sup> Resumo apresentado no I Congresso Rede Escola SUS / PB e I Mostra de Experiências do CEFOR-RH / PB.

(PNEPS), como o diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com a construção de um projeto social democrático e popular (BRASIL, 2012).

### **Contextualização**

Através das ações do grupo operativo Horta, o qual visa à construção de uma horta comunitária na comunidade Boa Esperança, o PINAB busca fomentar discussões sobre Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), a partir dos pressupostos da EPS.

O processo de mobilização inicial para a construção desta envolveu visitas domiciliares às casas da comunidade e rodas de conversa com os moradores, coordenada pelos extensionistas do PINAB juntamente com duas educadoras populares locais que compõem a coordenação comunitária do Programa e idealizaram a horta. Priorizou-se, nesse processo, o envolvimento dos moradores que se encontram em circunstâncias de maior vulnerabilidade social e econômica, particularmente quanto à insegurança alimentar. Esse processo culminou com a promoção de dois passeios pelas ruas da comunidade com abordagem aos moradores e aos espaços comunitários de relevância social, com apresentação da proposta e convite para conhecimento do local e construção da horta.

Após seis meses de planejamento, sensibilização e mobilização, a horta comunitária passou a ser implementada junto à comunidade nas proximidades da nascente do rio Jaguaribe, o qual, se encontra quase que totalmente no perímetro urbano e, por isso, sofre demasiadamente com o descarte de lixo e redes de esgotos clandestinos. Na perspectiva de mudança dessa realidade histórica de poluição que percorre todo o rio, os extensionistas se encontram semanalmente com a comunidade para realizar a limpeza da área e o plantio de algumas espécies de árvores em seu entorno, como proposta de revitalização da área verde local.

Portanto, a horta delinea-se em área próxima à nascente, configurada pela formação de canteiros com o plantio de mudas de hortaliças e plantas medicinais, o que é feito prioritariamente por moradores locais, especialmente crianças e adolescentes, sob a orientação de um mateiro e técnico em construção de hortas, membro do Movimento Popular de Saúde da Paraíba. Após o trabalho de plantio e manutenção da horta e do jardim às margens do rio, são realizadas rodas de conversa ou dinâmicas educativas com os comunitários no sentido de debater temas pertinentes ao processo que incluem questões relativas à saúde, qualidade de vida, participação popular, sustentabilidade, alimentação saudável, agroecologia, economia solidária, entre outros.

Diante disso, mantém-se como fundamento os princípios da Educação Popular na perspectiva freireana, visto que, na medida em que os indivíduos protagonizam o processo de aprendizagem através da partilha de saberes e troca de experiências,

promove-se também a autonomia da comunidade ao possibilitar a reflexão dos hábitos alimentares e do pensar coletivo de meios de produção alternativo como estratégias de Promoção da Saúde e da SAN.

## **Conclusão**

Através das atividades desenvolvidas no âmbito da Extensão Universitária pelo PINAB, muitos estudantes tem tido a oportunidade de conhecer a teoria e a prática da EPS e vivenciar de perto a situação de descaso em que parte das camadas populares se encontra. A partir deste encontro com a realidade cotidiana vivida por estes sujeitos, muitos estudantes começam a encarar a sua futura profissão como meio de desenvolver um trabalho mais engajado e se colocam como atores sociais ativos na luta por direitos mais efetivos, como na consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS).

Assim, esta experiência contribui para o desenvolvimento de um olhar crítico e humanizado destes futuros profissionais da saúde, uma vez que propicia aos estudantes entrem em contato com a realidade crua vivida pelas pessoas que residem em comunidades periféricas, ajudando-os a conhecerem as diversas histórias no caminhar pelas ruas, a interagirem, criarem vínculo com os moradores, e perceberem, com isso, a cultura e os ricos conhecimentos que os comunitários trocam a partir de um simples diálogo, o que desmistifica alguns pré-conceitos formados ao longo do caminho acadêmico.

Portanto, estes momentos tem se mostrado como primordiais para uma formação universitária crítica, pois possibilitam a reflexão e o diálogo comprometido entre comunitários e estudantes. O qual tem permitido que estes consigam romper com a “crise de interpretação” (VALLA, 2014), pelos quais muitos trabalhadores do setor saúde se encontram em sua forma de lidar e compreender os moradores das comunidades, pensando que estes não se importam, ou não se mobilizam – sem perceber que muitos destes sujeitos têm suas próprias formas de interpretar o mundo a sua volta e de agir/reagir.

Mediante isto, tem-se viabilizado a criação de novos caminhos direcionados a construção efetiva de uma postura cada vez mais compromissada, pois: “De sonhação o SUS é feito, com crença e luta o SUS se faz” (LIMA, 2013, p. 67).

## **Referências**

BRASIL. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

LIMA, R. De sonhação o SUS é feito, com crença e luta o SUS se faz. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se**

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

**faz:** roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

VALLA, V.V. A crise da interpretação é nossa: procurando entender a fala das classes subalternas. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **II Caderno de Educação Popular em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

VASCONCELOS, E.M. Educação popular, um jeito de conduzir o processo educativo. In: VASCONCELOS, E.M.; CRUZ, P.J.S.C. (Org.). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

VASCONCELOS, E.M. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde. **Revista Physis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 01, p. 67-83, 2004.

## EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA LÚDICA NUM GRUPO DE IDOSOS<sup>48</sup>

*Íris de Souza Abílio, Pedro José Santos Carneiro Cruz, Gabriella Nayara Siqueira de Lima, Elina Alice Alves de Lima Pereira*

*“Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Paulo Freire, 1996)*

### Introdução

No âmbito universitário, a Educação Popular (EP) se apresenta através de diferentes caminhos e possibilidades, orientadas para fortalecer e construir uma sociedade com protagonismo, participação, visão crítica e humanística, especialmente nos setores mais desfavorecidos da sociedade (CRUZ, PEREIRA; VASCONCELOS, 2013). Portanto é o campo de atuação que associa o saber técnico-científico com o conhecimento empírico da população. Sua compreensão educacional é promovida através de processos duradouros e permanentes de construção, com o intuito de proporcionar a alteração da realidade a partir do protagonismo do sujeito. As ações partem do que é inerente ao povo, não lhe dando coisas prontas, mas procurando criar condições para que os sujeitos assumam sua própria realidade, fortalecendo a construção das práticas do cuidado, da participação social, emancipação, enfrentamento, vínculo, construção do saber compartilhado, norteados com base na integralidade, horizontalidade e empoderamento (VASCONCELOS, 2011).

A Educação Popular não tem como finalidade desvalorizar um ou outro saber, seja ele científico ou empírico e sim o intuito de fazer do conhecimento algo a ser discutido de forma igualitária por ambos os lados de maneira que todos sejam ouvidos, fazendo com que esses se tornem “um”.

Nessa perspectiva surge o Programa de Extensão Universitária “Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, cujas ações desenvolvidas são norteadas pelos princípios teórico-metodológicos da EP sistematizada por Paulo Freire, entre outros autores. Comprometendo-se com o processo dialógico, horizontal e com a troca de saberes, estimulando o protagonismo dos sujeitos envolvidos, além de valorizar a autonomia destes enquanto autores de suas próprias histórias (CRUZ, 2011).

### Contextualização

O PINAB, vinculado ao Departamento de Promoção da Saúde e Departamento de Nutrição da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é um Programa de Educação Popular em Saúde que atua no bairro do Cristo Redentor, abrangendo as comunidades

Jardim Itabaiana, Boa Esperança e Pedra Branca. Dentre outras atividades, o Programa atua na Associação Promocional do Ancião (ASPAN), que é uma instituição de longa permanência, através de ações de Educação Popular em Saúde como estratégia de cuidado nesse meio, uma vez que proporciona a possibilidade do diálogo, respeito e valorização dos sujeitos em seu coletivo.

Através deste grupo, nós extensionistas tivemos a oportunidade de ver além dos muros brancos da universidade, como diz o Professor Adalberto Barreto, citado por Rolando Lazarte (2010, p. 08): “A extensão faz com que os estudantes saiam do autismo universitário, da miragem de um saber sem gente, de um conhecimento sem experiência”.

Quando tivemos a oportunidade de vivenciar a realidade do grupo de idosos, ao iniciarmos as atividades na ASPAN, encontramos grandes limitações. Não apenas as limitações físicas que muitos idosos estavam acometidos, mas principalmente as limitações da mente de outras pessoas que já haviam atuado no local e falavam: “*Não adianta trabalhar com tal grupo, eles estão debilitados demais para participar de qualquer atividade, nada dará certo*”. Então nos propomos a lançar um novo olhar sobre aquelas pessoas, não esse olhar que só vê as fragilidades e limitações, mas sim um olhar transcendente, valorizando as potencialidades, pois estas eram as pessoas mais desacreditadas, que mais precisam do cuidado, da amorosidade e de incentivo.

A princípio buscamos utilizar, metodologias que trabalhassem a relação do homem com a música, para obter métodos terapêuticos de reabilitação física, mental e social de indivíduos ou grupos, ajudando a agregar qualidade à saúde das pessoas. No decorrer da atividade, eles foram interagindo, cada um do seu modo, uns cantavam conosco, outros relatavam suas lembranças a cada música que cantávamos, outros mais debilitados contribuía com um sorriso, com um balançar de cabeça ou até mesmo um simples balançar de pé. Foi bastante gratificante o modo como eles responderam a tal atividade, nesse dia tivemos certeza de que aquele grupo tinha potencial, mesmo sendo estereotipado por muitos, que não conseguiam enxergar suas profundas singularidades, que os tornavam sem dúvidas, fantásticos e completamente fora dos “padrões”.

Utilizando de uma ferramenta para potencializar ainda mais nossa atuação, priorizamos a participação dos palhaços cuidadores do PINAB, são palhaços incorporados por extensionistas que participaram da Oficina do Riso do PalhaSUS/UFPB.

Os palhaços foram fundamentais na criação do vínculo com o grupo, pois eles conseguiram se comunicar e interagir com todos com muita facilidade, tanto os idosos, quanto os cuidadores e a coordenação, através das brincadeiras e descontração, romperam-se as barreiras e a resistência intrínsecas nessas pessoas que já viveram tanto e muitas vezes se encontram desenganadas diante da realidade protagonizada.

Em nossas visitas à instituição foi possível perceber a alegria no semblante dos idosos ao nos receber. Certo dia um idoso relatou que lá todos os dias são iguais, não



existe a menor diferença entre a segunda ou o sábado, a terça ou o domingo. E procuramos, através de nossas atividades, dinamizar a rotina com momentos de diálogos, de carinho e cuidado, buscando fortalecer a autoestima deles, os tornando mais atuantes em seu dia-a-dia. Conseguimos perceber que mesmo com todas as fragilidades, as potencialidades se sobrepunham facilmente, e isso nos motivou a uma busca constante da vivência com o outro, para nos edificarmos enquanto pessoa e ainda como futuros profissionais humanizados.

## **Conclusão**

Ao decorrer das atividades conseguimos perceber sutilezas, e resultados exitosos, alguns deles norteiam quanto, ao enorme conhecimento que os idosos detêm e a sabedoria que não teríamos condições de adquirir dentro de uma sala de aula. Proporciona também ao estudante uma vivência do cuidado humanizado em saúde e incentivo à ética em sua atuação enquanto futuro profissional não só de saúde, mas de uma vida plena em sociedade.

Quanto à atuação, conseguimos alcançar todo o público da ASPAN, desde os idosos mais debilitados até os cuidadores, tentávamos nos nutrir de ideias criativas e expor diferentes metodologias como os palhaços cuidadores, oficina de jogos, oficina de pintura, o exercício de saber ouvir e dedicar nosso tempo e atenção para os mesmos, amenizando situações mais difíceis, objetivando a autonomia, a potencialização do autocuidado e a melhoria das relações nos baseando no altruísmo.

Ao considerar que seremos futuros profissionais do Sistema Único de Saúde devemos ter ciência que esse ainda se encontra em construção e nós faremos também parte desse processo. Ainda que a rotina por muitas vezes se torne desgastante, teremos que buscar o diálogo como maneira de otimizar os momentos com o usuário, de maneira que possamos traçar junto às metas, dificuldades e potencialidades, para que os resultados sejam visíveis. Assim, será possível uma atuação mais completa e humanizada, saindo daquele “conhecimento bancário”, dito várias vezes por Paulo Freire, condenado ao tradicionalismo das escolas. Muitas vezes mantemos o foco na determinação dos sintomas e a categorização em determinada patologia e não percebemos o indivíduo como um todo que está inserido em um ambiente, grupo social, sociedade e que precisa de incentivo para emancipar-se.

## **Referências**

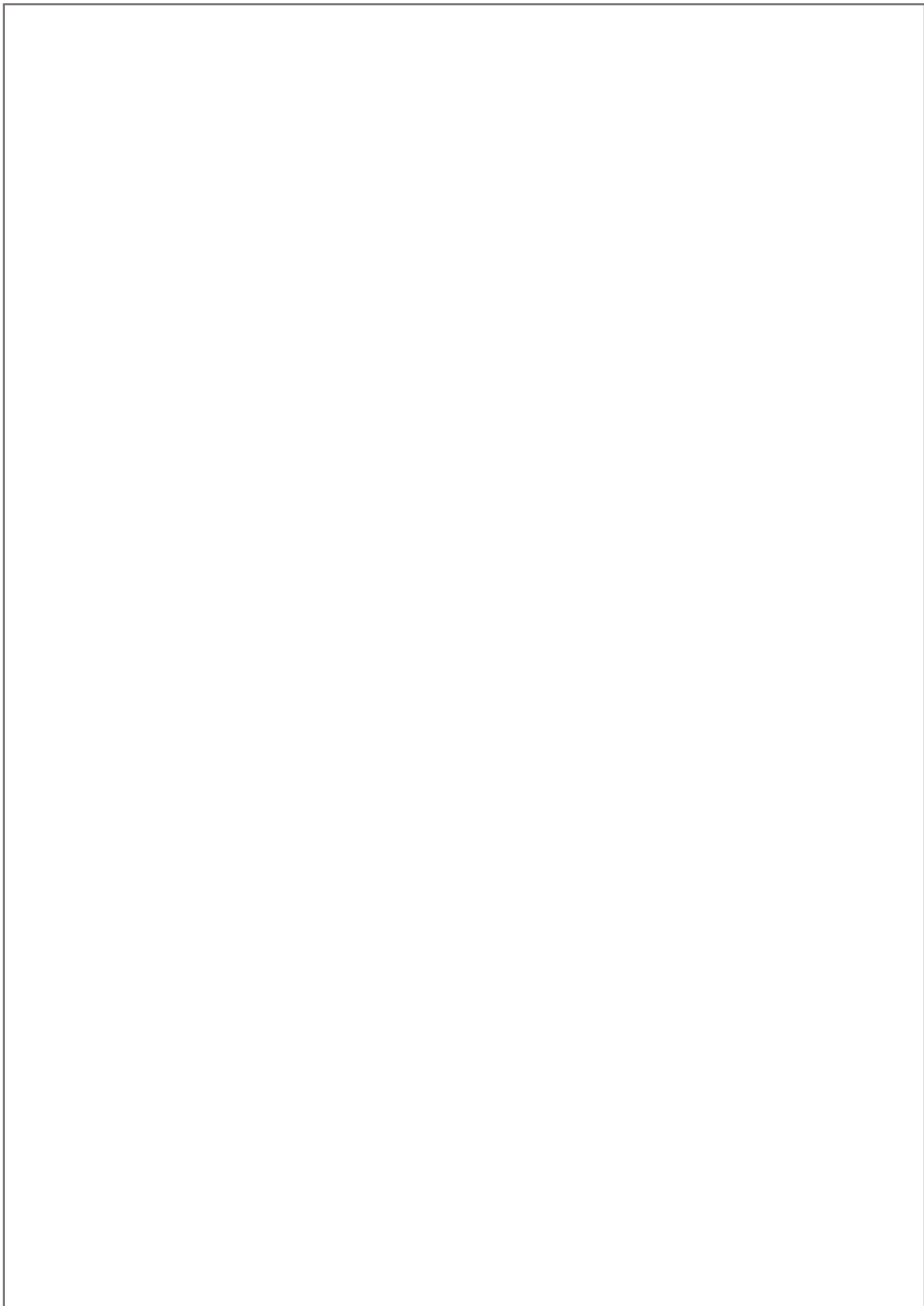
CRUZ, P.J.S.C. Extensão Popular: a reinvenção da universidade. In: CRUZ, P.J.S.C.; VASCONCELOS, E.M. (Org.). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

CRUZ, P.J.S.C.; PEREIRA, I.D.F.; VASCONCELOS A.C.C.P. Educação popular e a promoção da segurança alimentar e nutricional em comunidade: desafios com base em uma experiência de extensão. In: VASCONCELOS, E.M.; CRUZ, P.J.S.C. (Org.). **Educação Popular na Formação Universitária: Reflexões com base em uma Experiência**. São Paulo-João Pessoa: Ed. Hucitec/Ed. Universitária UFPB, 2013. p. 333-350.

LAZARTE, R. **Terapia Comunitária: reflexões**. João Pessoa, 2010. Disponível em: <<http://www.abratecom.org.br/publicacoes/02livros/pdf/livroterapiacomunitariareflexoes.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2014

VASCONCELOS, E.M. Educação Popular, um jeito de conduzir o processo educativo. In: CRUZ, P. J.S.C.; VASCONCELOS, E.M. (Org.). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

**Experiências no apoio ao Movimento Popular de Saúde  
(MOPS) da Paraíba e Articulação Nacional de Movimentos e  
Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) da Paraíba**



## **MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE: REARTICULAÇÃO NO ESTADO DA PARAÍBA<sup>49</sup>**

*Janaína Gomes Lisboa<sup>50</sup>*

### **Resumo**

O Movimento Popular de Saúde (MOPS) é um movimento de abrangência nacional, que historicamente contribuiu com a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS) no país durante a Reforma Sanitária. Com o enfraquecimento das lutas, dado a consolidação do SUS, o MOPS passa por um período de pouca atuação no cenário brasileiro.

Atualmente, no estado da Paraíba, o Movimento vive o processo de reestruturação, sendo este iniciativa dos próprios militantes, agregando também novos parceiros que se somam à luta pela saúde pública e de qualidade. Nesse sentido, realiza visitas e vivências aos municípios do estado, fortalecendo ações nesta perspectiva, bem como realiza formações políticas entre o grupo com diversas temáticas.

Espera-se com a reestruturação do MOPS-PB, construir uma agenda em parceria com outros movimentos e coletivos, como também possibilitar os cuidados primários e complementares com práticas populares de saúde nas comunidades e em parceria com o SUS, fortalecendo e potencializando a luta de grupos e atores que agem individualmente, na perspectiva do cuidado através do uso de práticas populares e alternativas de saúde.

---

<sup>49</sup> Resumo apresentado no II Congresso Nacional Movimentos Sociais e Educação.

<sup>50</sup> Graduanda do curso de Serviço Social da UFPB e extensionista do Projeto de Extensão de Apoio a Articulação do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB), da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP).

## **PRÁTICAS POPULARES E AÇÕES EMANCIPADORAS: EXTENSÃO POPULAR E O APOIO DA UFPB AO MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE NA PARAÍBA<sup>20</sup>**

*Andreia Camargo Vargas de Lima<sup>51</sup>, Eloisa Slongo<sup>52</sup>, Janaína Gomes Lisboa, Nágila  
Martins da Silva<sup>53</sup>, Pedro José Santos Carneiro Cruz*

### **Resumo**

O Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB) surgiu na década de 1980, em meio à abertura política e iniciativas reivindicativas da época, com o intuito de promover práticas populares de saúde, fortalecendo a identidade de seus atores sociais, fomentando a participação de lideranças de comunidades no debate político sobre os saberes tradicionais da saúde e propondo uma abordagem preventiva e humanizada. Após a desarticulação de suas atividades no decorrer da década de 1990, o MOPS-PB reestruturou-se em 2012 com o suporte do Setor de Apoio aos Movimentos Populares e, desde 2013, do Núcleo de Educação Popular em Saúde da Paraíba (NEPOPS-PB) e Coordenação de Educação Popular (COEP) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desde então, o MOPS-PB vem trazendo uma aproximação dos diversos movimentos sociais populares por meio de vivências para conhecimento das suas práticas, tonificando grupos de base na defesa da saúde pública e do fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Neste sentido, a UFPB vem acompanhando e apoiando a promoção de encontros, reuniões e ações do MOPS-PB em caráter permanente. Atualmente, as ações desse Movimento se dão no sentido de ressaltar e dar visibilidade à importância das lutas dos movimentos populares e das práticas locais em defesa da coletividade, a partir da manutenção das práticas integrativas e populares promovidas pelo SUS, despertando a formação política dos sujeitos envolvidos, através das trocas de saberes com os demais movimentos e dos enfrentamentos junto aos órgãos de governo. Para isso, constituiu-se uma equipe com estudantes extensionistas e professores representantes do NEPOPS-PB e da COEP, além de militantes do MOPS-PB. Tal equipe se reúne semanalmente para discussão de um cronograma mensal que contemple a participação das lideranças do MOPS nas vivências e visitas em municípios do Estado da Paraíba, promovidas em conjunto com movimentos sociais, além do desenvolvimento de cursos de formação, fóruns de educação popular em saúde atrelados às demandas sociais e, por meio dessas ações, contribuimos com a realização de

---

<sup>51</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da UFPB e extensionista do Projeto de Extensão de Apoio a Articulação do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB), da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP).

<sup>52</sup> Graduanda do curso de Direito da UFPB e extensionista do Projeto de Extensão de Apoio a Articulação do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB), da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP).

<sup>53</sup> Graduanda do curso de Serviço Social da UFPB e extensionista do Projeto de Extensão de Apoio a Articulação do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB), da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS) e da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP).

encontro formadores, servindo à Extensão e à Pós-Graduação em Educação, sobre as experiências dos movimentos populares, das práticas sociais emancipadoras e conquistas no cenário político. Percebe-se que há uma necessidade, por parte dos movimentos, de discutir as práticas populares de saúde que já promovem internamente, buscando um suporte fundamental através do conhecimento dos terapeutas populares. Enquanto extensionistas, este outro olhar da pessoa cuidadora, enriquece a formação universitária, já que essa deve estar calcada na atuação em conjunto com tais sujeitos políticos. Edificando o exposto, consideramos prioritárias as formas de organizações populares mobilizadoras a partir dos saberes locais e holísticos, em defesa de sua permanência no Sistema Único de Saúde, contribuindo para a universidade no que tange aos desafios da ressignificação das práticas de cuidado e das fragilidades da formação profissional para atuação no SUS.

**MOVIMENTO POPULAR EM SAÚDE DA PARAÍBA ENQUANTO  
ESTRATÉGIA DE LUTA E VALORIZAÇÃO DE PRÁTICAS  
POPULARES E PELA SAÚDE PÚBLICA<sup>49</sup>**

*Janaína Gomes Lisboa*

**Resumo**

O Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB) é uma organização de livre iniciativa da sociedade civil, que luta pelo fortalecimento das bases do Sistema Único de Saúde (SUS), priorizando a autonomia e participação dos militantes, enquanto sujeitos políticos, contribuindo para o controle social.

Além disso, o Movimento valoriza as práticas populares de cuidado e atenção à saúde, por compreender esta ação enquanto principal estratégia de resistência e prevenção da população à falta de acesso a serviços institucionais de saúde. Nesse sentido, realiza visitas a municípios paraibanos, fortalecendo ações comunitárias de saúde da população incluídas nesta perspectiva.

Portanto, o MOPS-PB luta pela valorização das práticas populares de cuidado em saúde, possibilitando o diálogo necessário para construção conjunta de ações de mobilização e participação popular para as necessidades de saúde da população, a partir do reconhecimento e da troca com o saber popular, contribuindo com a apreensão dos saberes e da organização popular, e, sobretudo, da importância da luta em defesa da não violação de seus direitos, em especial no que tange a saúde.



## **O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE DA PARAÍBA (MOPS-PB)<sup>49</sup>**

*Nágila Martins da Silva, Arilene Maria de Oliveira Chaves, Janaína Gomes Lisboa,  
Adriana Maria Macêdo de Almeida, Pedro José Santos Carneiro Cruz*

### **Resumo**

Este trabalho visa descrever o processo de reestruturação do MOPS-PB, que acontece desde abril de 2012, através da iniciativa articulada à Extensão Popular, com apoio da Coordenação de Educação Popular da Universidade Federal da Paraíba (COEP), além do envolvimento com coletivos como a Articulação Nacional de Práticas e Movimento em Educação Popular e Saúde (ANEPS), Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP), Pastoral da Saúde, Centros de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (CPIC's), dentre outros parceiros. O MOPS é um movimento de livre iniciativa da sociedade civil e tem como objetivo a valorização e reintegração das práticas populares de saúde enquanto uma forma de cuidado, estimulando o protagonismo, a autonomia e o empoderamento dos atores sociais. A metodologia utilizada para essa rearticulação acontece por meio de reuniões organizativas, atividades educativas, oficinas, cursos e a realização de visitas/vivências a alguns municípios paraibanos, com apoio dos parceiros envolvidos. Os resultados alcançados são: fortalecimentos das práticas integrativas e complementares de saúde e o estabelecimento de relações com outras entidades, de forma a sistematizar a articulação e fortalecer a qualidade de saúde. Portanto, nessa fase, pretende-se fortalecer o MOPS na Paraíba na perspectiva da promoção das práticas populares de cuidado e da participação popular, a fim de contribuir com ações a partir da identificação de demandas e suas reivindicações.

## **ALGUNS PASSOS NO PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DO MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE DA PARAÍBA (MOPS-PB): CONTANDO UM POUCO A HISTÓRIA**

*Nágila Martins da Silva, Janaína Gomes Lisboa, Adriana Maria Macêdo de Almeida*

### **Resumo**

Este trabalho visa trazer para a discussão relatos sobre o processo de reestruturação do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB). O MOPS-PB caracteriza-se como movimento de livre iniciativa da sociedade civil, que compreende a saúde como um bem social, e teve importância em momentos históricos do nosso país, principalmente, por ter contribuído para a construção do Sistema Único de Saúde (SUS). No que se refere ao processo de reestruturação do MOPS-PB, este iniciou-se e vem acontecendo desde abril de 2012, através da iniciativa articulada à Extensão Popular, com apoio da Coordenação de Educação Popular da Universidade Federal da Paraíba (COEP), além do envolvimento com coletivos como a Articulação Nacional de Práticas e Movimento em Educação Popular e Saúde (ANEPS), Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP), Pastoral da Saúde, Centros de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (CPIC's), dentre outros parceiros. O objetivo dessa reestruturação consiste na valorização e reintegração das práticas populares de saúde enquanto uma forma de cuidado, estimulando o protagonismo e autonomia da população, contribuindo para o empoderamento dos atores sociais e a integralidade e equidade da saúde. A metodologia utilizada para essa rearticulação acontece por meio de oficinas, cursos, reuniões organizativas, atividades educativas e a realização de visitas a alguns municípios paraibanos, com apoio dos parceiros citados.

**CURSO DE FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS POPULARES EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS: UMA EXPERIÊNCIA NO MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE DA PARAÍBA**

*Janaína Gomes Lisboa, Nágila Martins da Silva, Andréia Camargo Vargas de Lima, Eloísa Slongo, Pedro José Santos Carneiro Cruz*

**Resumo**

O Curso de Terapeutas Populares em Práticas Integrativas constitui iniciativa do Movimento Popular de Saúde da Paraíba (MOPS-PB) e da Articulação Nacional de Práticas e Movimento em Educação Popular e Saúde (ANEPS) da Paraíba, em parceria com o Centro de Práticas Integrativas em Saúde (Cpics) Equilíbrio do Ser/Secretária Municipal de Saúde de João Pessoa, com apoio da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por meio do Programa PROEXT: Educação Popular, Saúde, Cultura e Trabalho, que articula o Programa de Educação Popular em Saúde do Trabalhador (PEPST), o Projeto PalhaSUS e o Programa Práticas Integrais de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB). Seu principal objetivo é fortalecer as práticas populares de saúde através da troca de experiências, bem como a formação teórica e prática de terapeutas populares em práticas integrativas, abordando a Reflexologia Podal, Acupuntura Auricular, Yoga, Meditação, dentre outras práticas. O público é composto principalmente por trabalhadores/as populares de saúde, que residem em diversos municípios da Paraíba, além de extensionistas e apoiadores/parceiros dos Projetos e Programas de Extensão, como o PalhaSUS, o PINAB, o PEPST e o Projeto de Educação Popular em Saúde da Família (PEPASF), vinculados ao Núcleo de Educação Popular em Saúde da Paraíba. A proposta é que cada participante, a partir do conhecimento a respeito das práticas terapêuticas apreendidas nas discussões realizadas nos encontros presenciais, desenvolva e promova tais práticas nos seus espaços de atuação, sejam nas comunidades, assentamentos, hospitais, centros comunitários, dentre outros, tendo o intuito de estimular as pessoas a usarem as práticas complementares de saúde, compreendendo que apenas o uso de medicamentos alopáticos não é o suficiente para chegar à cura necessária. O Curso está organizada em seis módulos contínuos, sendo um encontro ao mês, que é realizado sempre aos sábados no Centro Equilíbrio do Ser. A metodologia utilizada é a utilização de rodas de conversas, que versa o tema de forma dialógica com questões geradoras, incluindo também, a parte prática da Terapia que está sendo abordada, de modo que propicie a práxis e facilite no processo de formação dos Terapeutas Populares, entendendo a importância da apropriação da teoria para o desenvolvimento de uma prática mais fundamentada. A partir do olhar holístico, promove-se o cuidado com a saúde do indivíduo, sendo esta, vista amplamente, além da ausência de doenças, abordando o olhar psicológico, social e espiritual do indivíduo. O Curso ainda está ocorrendo em seus módulos iniciais, no entanto, percebem-se resultados ponderáveis no que se refere aos atendimentos dos terapeutas, relatados por

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

eles mesmos, que diz respeito à redução das enfermidades dos pacientes, bem como uma maior autonomia dos terapeutas populares, frente aos atendimentos realizados nas comunidades.

## MOVIMENTO POPULAR DE SAÚDE: CONTEXTO HISTÓRICO E A REARTICULAÇÃO NO ESTADO DA PARAÍBA

*Janaína Gomes Lisboa, Nágila Martins da Silva, Adriana Maria Macêdo de Almeida*

### Resumo

O objetivo do referido trabalho é fazer um breve resgate da formação do Movimento Popular de Saúde no Brasil, que contribuiu para a implantação do Sistema Único de Saúde, bem como a contextualização do seu processo atual de reestruturação no Estado da Paraíba, a partir de iniciativas de algumas lideranças populares locais e do apoio da Universidade Federal da Paraíba. Nesse momento, o MOPS-PB tem como norte de ações, a valorização das práticas populares e alternativas de saúde, além da luta por uma saúde pública e de qualidade. Nesse sentido, realiza visitas a municípios do estado, articulando-se a outros atores sociais que também lutam por esta causa. Espera-se com a reestruturação do Movimento, fortalecer e potencializar a luta de grupos e atores que agem individualmente, na perspectiva do cuidado através do uso de práticas populares e alternativas de saúde.

### Introdução

O Movimento Popular de Saúde (MOPS) é um movimento sem fins lucrativos e de livre iniciativa da sociedade civil, que compreende a saúde enquanto um bem social e um direito garantido a todos os cidadãos brasileiros. Direito esse, conquistado através de uma luta histórica da qual o MOPS também fez parte no final dos anos setenta.

Ainda sobre forte pressão e controle da ditadura militar, tinha início a formação de inúmeras iniciativas de organização em torno da melhoria das condições de saúde no país. Tratava-se de uma multiplicidade de ações comunitárias locais relativas a procedimentos “médicos” alternativos e naturais, ou de movimentos reivindicativos pontuais nos grandes centros urbanos em torno de equipamentos sanitários, postos de saúde, melhorias no atendimento médico, culminando, em muitos bairros, na criação de “conselhos de saúde”, com vistas ao controle e à fiscalização dos serviços de saúde (DOIMO e RODRIGUES, 2003).

Tais iniciativas contavam com alguns segmentos da Igreja Católica em vários níveis e instâncias, identificados com a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Participaram também intelectuais, médicos ativistas junto à Pastoral da Saúde, profissionais da saúde e uma multiplicidade de lideranças locais como parte das “comunidades reivindicantes”, articuladas entre si através de redes sociais predispostas a participação. Dessa conjunção de diferentes forças, surgiu o Movimento Popular de Saúde (MOPS) (DOIMO e RODRIGUES, 2003).

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

No entanto, o maior reconhecimento do MOPS ocorreu no final da década de 70, baseado nas experiências comunitárias da medicina até então chamada de alternativa, relacionadas a recursos locais e saberes próprios de cada região, realizadas à base de remédios caseiros, plantas medicinais e métodos naturalistas, recorrentes nas regiões mais carentes do país, como o norte e o nordeste, ou nas localidades interioranas dos estados.

O MOPS é oficialmente criado durante o III ENEMEC (Encontros Nacionais de Experiências em Medicina Comunitária), no ano de 1981 em Fortaleza – CE, com o propósito de dar unidade aos movimentos populares e às experiências comunitárias de saúde, lutando por um sistema de saúde público e de qualidade, que atendesse a toda população.

Ao ter sua principal pauta de reivindicação atendida, através da Constituição Federal de 1988, a qual foi inscrita o Sistema Único de Saúde (SUS). Com isso, o MOPS passa por um período de pouca visibilidade nos cenários de disputa política.

Na Paraíba, o MOPS teve início em meados dos anos 1980 a 1996, tendo à frente da coordenação Dona Palmira Sérgio Lopes, moradora do Assentamento Novo Salvador no Município de Jacaraú-PB, que desenvolve ainda hoje trabalhos comunitários com plantas medicinais. A partir dos anos 1990, dado o contexto político nacional, com a redemocratização do país, o referido Movimento passa por um período de pouca visibilidade e mobilização social, fato que culminou em um extenso período de paralisação das atividades.

No começo de 2012, através da inquietação de Dona Palmira, que mesmo diante deste contexto de fragilização em nível local, ainda era convidada para participar de eventos que traziam a temática da saúde, enquanto coordenadora do MOPS, sentiu-se motivada em reestruturar o Movimento, na perspectiva de reintegração das práticas populares e alternativas de saúde.

A partir disso, a Coordenação de Educação Popular (COEP) da Pró-Reitoria de Extensão e Ações Comunitárias (PRAC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tem apoiado as ações do MOPS-PB, juntamente com outros setores/instituições, tais como: professores, ativistas e militantes sociais, articulados em torno da Extensão através de iniciativas da Educação Popular e dos movimentos sociais com foco na saúde, além do envolvimento de outros coletivos, como a Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP), Articulação Nacional de Práticas e Movimento em Educação Popular e Saúde (ANEPS), Projeto Cooperar do Município de Bananeiras-PB, Centro de Educação Popular de Nova Palmeira-PB, Pastoral da Saúde, União Santarritense de Associação Comunitária (USAC), Centros de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (CPIC), dentre outros parceiros.

Pretende-se construir a partir dessa articulação, uma agenda de parceria com outros movimentos, tendo em vista a expansão deste como também possibilitar os cuidados primários complementares com práticas populares de saúde nas comunidades e

em parceria com o SUS, potencializando ainda mais os protagonistas e a autonomia dos grupos que atuam nesse Movimento, para que se tenha uma saúde pública de qualidade e pautada nos princípios da universalidade, equidade, integralidade, participação e descentralização de suas ações.

Esta abordagem apresenta-se como uma necessária discussão tendo em vista a precariedade vivenciada atualmente no Sistema Único de Saúde (SUS) como um todo, expressada através de extensas filas, demora no atendimento, falta de medicamentos e profissionais, dentre outros aspectos. A classe trabalhadora e usuária dos serviços oferecidos pelo SUS vêm sofrendo com o descaso público, o qual pode ser observado em hospitais, postos de saúde, esgotos a céu abertos, dentre outros locais.

Neste sentido, portanto a organização popular através do MOPS-PB busca, para além de assegurar os princípios da Organização Mundial de Saúde (OMS), reconhecer e valorizar as práticas populares de saúde que constituem a realidade de várias pessoas em suas comunidades, muitas vezes praticadas enquanto prevenção e tratamento de saúde, na tentativa de não recorrer à situação caótica ocorrida no SUS.

### **Material e Metodologia**

O MOPS-PB, em sua nova fase de reestruturação, tem articulação em diferentes municípios paraibanos, dentre eles: Nova Palmeira, Campina Grande, Jacaraú, Conde, Jacumã, Píripituba, João Pessoa, Bananeiras e Santa Rita.

Essa articulação acontece a partir da metodologia usada pelo Movimento, de realização de visitas e vivências a esses municípios, com objetivo de conhecer locais e atores que lutam pela saúde, fazendo uso também das plantas medicinais.

Além das visitas e vivências, o MOPS organiza-se através de: reuniões organizativas, sendo esta primeiramente com todo o grupo, e em seguida com os extensionistas, para dar objetividade aos encaminhamentos; reuniões de formação política, onde há discussão de temáticas importantes para o Movimento, tais como a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC), a construção do SUS e suas diretrizes, a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEP), dentre outras; a realização de cursos/oficinas referente as práticas populares de saúde (fitoterapia, massagem, argiloterapia, alimentação alternativa, etc.), sendo estes ministrados pelos próprios terapeutas populares que participam do MOPS-PB, a ser realizado em seu próprio local de atuação; e a realização do Grupo de Encontro de Trabalho, que se baseia na discussão e problematização da categoria de trabalho dos terapeutas populares em saúde.

Nesses referidos encontros, utilizamos câmeras fotográficas para registrar e publicizar os momentos em nossos meios de comunicações eletrônicos (e-mail, blog e fan page). Usamos também, cartolinas e lápis coloridos para garantir uma maior dinamicidade nos encontros.

## **Resultados e Discussões**

Nessa nova fase de construção do MOPS-PB, iniciada em abril de 2012, conseguimos conquistar novas articulações importantes, junto às comunidades. Participam conosco associações comunitárias, assentamentos, comunidade quilombola e interioranas.

Vale destacar nossa participação em alguns eventos, como: Feira de Inclusão Produtiva, em Santa Rita-PB, facilitamos uma etapa do curso de Extensão em Educação Popular em Mamanguape-PB, apresentamos um trabalho com a sistematização das atividades realizadas no Encontro Nacional de Extensão (ENEX), em João Pessoa-PB, além da participação nos Fóruns Permanentes de Educação Popular e Saúde, na qualidade de facilitador. Vale por fim, destacar as visitas nos Centros de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde em João Pessoa.

## **Conclusão**

No decorrer de 2012 até hoje, o MOPS-PB em seu momento de reestruturação, obteve conquistas consideráveis, como já mencionado, através das visitas aos municípios paraibanos, obtendo articulações com coletivos, movimentos e terapeutas populares, que através de suas práticas em conjunto conosco, fortalecem e ampliam o Movimento.

Também conseguimos nos articular com antigos militantes, que lutavam no MOPS desde o seu início, na década de 80, tentando contribuir para a atuação e protagonismo destes. Organizamos nossa ação tendo como ponto de partida, além da Educação Popular, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PNPIC), o que contribuiu para o melhor direcionamento de nossas ações.

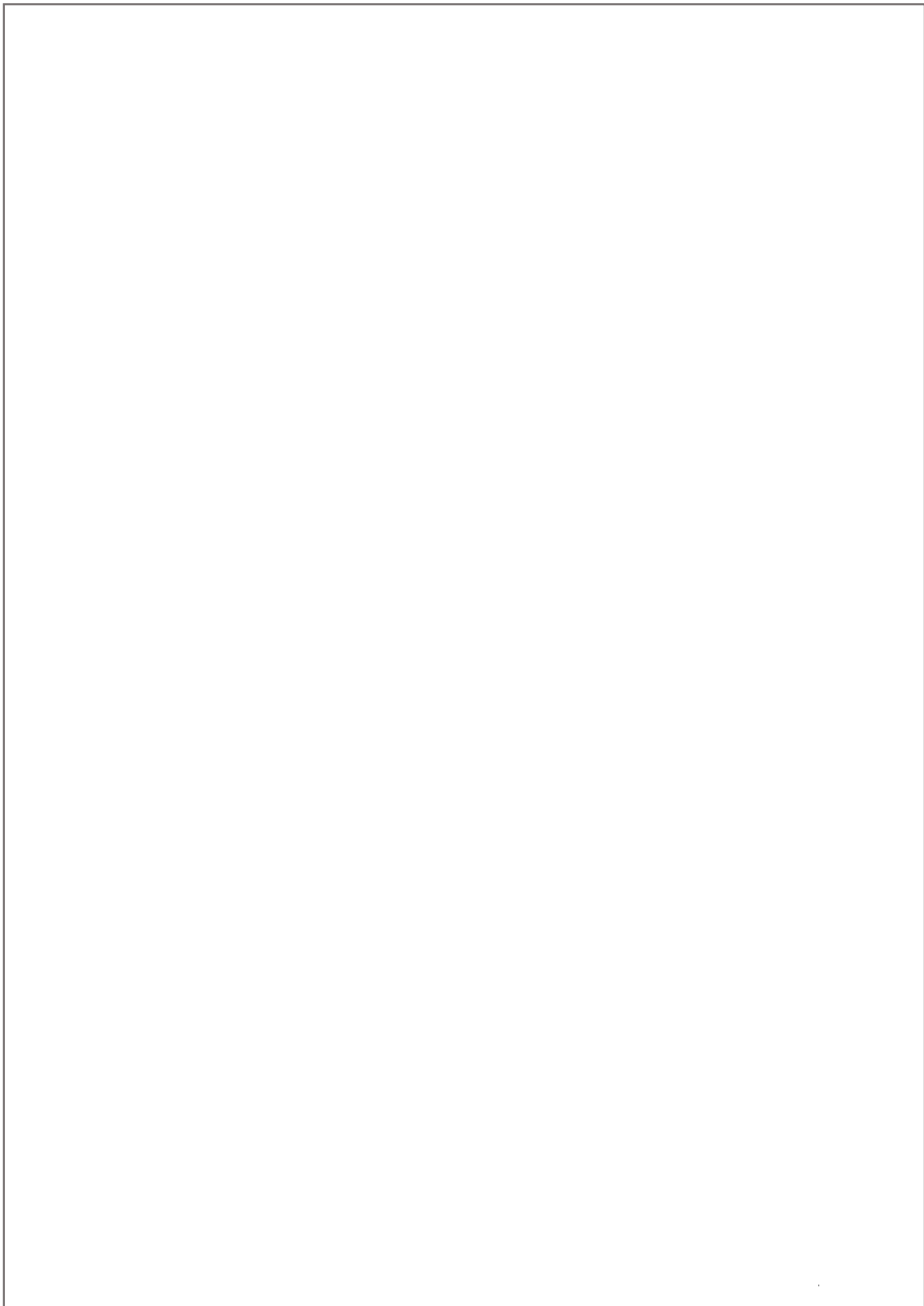
Esperamos também, estar mais perto e apoiar os movimentos sociais e suas lutas em favor da saúde pública e de qualidade.

## **Referências**

DOIMO, A.M.; RODRIGUES, M.M.A. **A formulação da nova política de saúde no Brasil em tempos de democratização**: entre uma conduta estatista e uma concepção societal de atuação política. *Política e Sociedade*, vol. 2, n. 3, pp. 95-115, 2003.



**Experiências em articulação com a Assessoria de Extensão do  
Centro de Ciências Médicas da UFPB**



## **A GESTÃO COMPARTILHADA DA EXTENSÃO NO CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS: EXPERIÊNCIA A PARTIR DE EVENTOS, ENCONTROS E CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS AUDIOVISUAIS<sup>20</sup>**

*Walter Amorim de Araújo Junior<sup>54</sup>, Washington Alves Freire Filho<sup>55</sup>, Pedro José Santos Carneiro Cruz*

### **Resumo**

Desde a primeira reunião do Projeto “Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica”, a apresentação e a coleta de ideias e opiniões para construção das ações é evidenciada entre os extensionistas e a coordenação. A decisão pela divisão em grupos de trabalho definiu as frentes de atuação que tomaríamos neste Projeto de Extensão, a fim de contribuir com o desenvolvimento, visibilidade e sistematização das ações de Extensão Universitária no Centro de Ciências Médicas (CCM). Dentre as diversas equipes da Assessoria, nosso grupo se responsabilizou por empreender encontros e atividades educativas para aproximar docentes, técnicos e estudantes interessados em discutir e aprimorar a Extensão no Centro. Inicialmente, elaboramos apresentação sobre a Extensão Universitária e sobre a Assessoria de Extensão para alunos do primeiro período do curso de Medicina. Pudemos, assim, relatar objetivos da Extensão Universitária, bem como estimular estudantes recém ingressantes quanto ao engajamento em tais atividades. Também promovemos reuniões com professores orientadores e seus extensionistas, visando coletar informações sobre as dificuldades que vinham sendo enfrentadas na execução dos Projetos, para que tentássemos articular maneiras de sanar os problemas e qualificar as ações da Assessoria. Organizamos um roteiro com informações pontuais que buscávamos, como: “O que falta para os Projetos de Extensão do CCM se tornarem mais duradouros?” e “O que o senhor (a) acha que poderíamos fazer para ampliar a Extensão no CCM?”. Estamos promovendo, ainda, uma série de filmagens junto aos orientadores e aos orientandos visando constituir material audiovisual para divulgar informações sobre Projetos no site do CCM, para que a visibilidade funcione como ferramenta atrativa e que gere interesse nos que ainda possam desconhecê-los. Elaboramos perguntas a serem realizadas, sob forma de entrevista, e lançamos o convite. As perguntas são voltadas para a difusão das atividades dos Projetos e as impressões que os integrantes dos mesmos têm. As questões variam desde os objetivos do Projeto até se já surgiu alguma pesquisa a partir do mesmo. Durante a apresentação para os alunos do primeiro período, houve um debate fundamentado, no qual várias dúvidas puderam ser esclarecidas. Professores,

<sup>54</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>55</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

interessados em desenvolver Projetos de Extensão também esclareceram alguns pontos de incerteza. Dessa forma, se pôde contribuir de maneira efetiva para o ingresso de interessados nas variadas frentes de Extensão do CCM. Começamos, a nosso ver, um processo gradual de transformação da concepção de Extensão no Centro, o qual se enxerga pela crescente procura de estudantes, técnicos e docentes interessados e participativos. A atuação do grupo de trabalho que promove a Extensão no Centro tem contribuído de maneira efetiva para a difusão das ações e promoção de atividades da Assessoria. Vários eventos vêm sendo promovidos por nosso grupo de trabalho e têm garantido êxito na atuação da Assessoria de Extensão.

## **SOCIALIZANDO AS AÇÕES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA ATRAVÉS DAS MÍDIAS SOCIAIS<sup>20</sup>**

*Ísis de Negreiros Costa<sup>56</sup>, Ícaro César Soares de Menezes<sup>57</sup>, John Anderson Silva  
Rocha<sup>58</sup>, Pedro José Santos Carneiro Cruz*

### **Resumo**

O Projeto “Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica” é desenvolvido no Centro de Ciências Médicas (CCM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e nos campos de atuação dos outros Projetos desse Centro. Tem como objetivo principal promover a Extensão no CCM, divulgando os trabalhos e estimulando a participação de estudantes, técnicos e professores. O presente relato descreve a experiência de extensionistas do curso de Medicina integrantes da Assessoria de Extensão em ações de apoio à socialização em vivências de Extensão no âmbito do Centro, através das mídias sociais. Divididos em grupos e sob orientação do Assessor de Extensão, uma equipe de estudantes promove a Extensão Universitária, organizando exposições, periódicos com artigos científicos, oficinas de formação sobre o tema, entrevistas com os participantes dos Projetos; além de divulgação de notícias por e-mails e redes sociais, reunião com docentes e elaboração de planilhas para acompanhamento das atividades realizadas por cada Projeto, contendo local, duração e conteúdo. A equipe da Assessoria também visita algumas atividades das outras Extensões. Além disso, divulga informações, novidades, ações e resultados dos Projetos nas mídias sociais, Facebook e Instagram, e no site do CCM. A primeira ação da equipe constou da inclusão de uma área de Extensão no site do CCM (onde, até então, existiam espaços fixos apenas para Pesquisa, Pós-Graduação e Ensino). Em seguida, deu-se a criação de um e-mail e a utilização das mídias sociais, como o Instagram e o Facebook da Assessoria de Extensão, que têm contribuído para dirimir a burocracia no acompanhamento e apoio dessa Assessoria; já que permitem o acesso rápido às informações e novidades sobre os Projetos, e a interação entre o grupo e os internautas interessados, fornecendo uma retroalimentação positiva imediata. O público classifica essa divulgação como necessária e bastante eficaz. Destaca-se também a curiosidade dos estudantes de todas as áreas da saúde frente às publicações da Assessoria nas redes sociais. Através das mídias sociais, os estudantes, professores, técnicos e demais pessoas interessadas conhecem as atividades e eventos realizados, divulgam para os

---

<sup>56</sup> Graduanda do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>57</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>58</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

amigos, promovem a página virtual, esclarecem suas dúvidas e debatem questionamentos pela internet. As experiências vividas no Projeto pelo grupo têm sido de grande valia pois há retorno positivo imediato às atualizações nas mídias sociais, e o contato com os docentes, técnicos e discentes tem impulsionado os acadêmicos a promover com maior afinco a Extensão do CCM, e melhorado suas habilidades de comunicação interpessoal e oratória. A percepção de que o desenvolvimento desses Projetos é capaz de transformar a realidade da população, público alvo das atividades, mesmo que pontualmente, também tem causado grande satisfação para os participantes. Além disso, estes aprimoram seu poder de articulação e sua criatividade para divulgação das ações e maior visibilidade dos Projetos e Programas de Extensão do Centro de Ciências Médicas.

## OFICINAS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA COMO INCENTIVO À PESQUISA NO ÂMBITO DA EXTENSÃO NO CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS-UFPB<sup>20</sup>

*Mateus Dias Américo<sup>59</sup>, Alinne Mirlânia Sabino de Araújo<sup>60</sup>, Diogo Berto Campos<sup>61</sup>, Érika Patrícia Pereira Gomes<sup>62</sup>, Gabriel Dias Américo<sup>63</sup>, Pedro José Santos Carneiro Cruz*

### Resumo

O Projeto “Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica” foi criado com o objetivo de desenvolver ações que visem o incentivo à Extensão Universitária e sua visibilidade no Centro de Ciências Médicas (CCM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Para o melhor andamento das atividades, os extensionistas foram divididos em grupos, com responsabilidades e metas específicas, mas atuando sempre de forma integrada. Uma de nossas ações primordiais tem sido o estímulo à pesquisa científica aplicada à Extensão. A realização de oficinas práticas com os estudantes foi a abordagem que encontramos para incentivar o corpo discente a desenvolver Pesquisa a partir da Extensão; através deles, seus respectivos orientadores e coordenadores de Projetos também seriam estimulados. Nesse contexto, em 2014, vêm sendo realizadas duas edições da “Oficina de Extensão e Produção Científica do CCM/UFPB”, sendo cada edição dividida em dois encontros, tendo participado estudantes não apenas do curso de Medicina, mas também de outras graduações. O objetivo principal é de orientar os participantes na elaboração e publicação de artigos científicos de maneira eficiente. Os acadêmicos recebem formação e são estimulados a produzirem um artigo a partir de dados fornecidos pelo professor ministrante, ou mesmo provindos de sua experiência extensionista, como forma de consolidar o aprendizado. A Extensão Universitária vai muito além da transmissão, divulgação ou aplicação do conhecimento pelo conhecimento. Busca, continuamente, problematizar o Ensino pela vivência presencial, solidária e transformadora, e a partir daí constituir-se também como geradora de Pesquisa. Enquanto a universidade compartilha o conhecimento e a assistência à comunidade por meio de atividades de Extensão, estas se constituem como fontes de pesquisas que, por sua vez, retroalimentam o Ensino. Em virtude da importância de incentivar a Pesquisa a partir da Extensão, a realização das oficinas pode

---

<sup>59</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>60</sup> Graduanda do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>61</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>62</sup> Graduanda do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>63</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

ser considerada uma ferramenta fundamental nesse processo. A Extensão é geradora de novas pesquisas, na medida em que identifica necessidades e anseios, pela vivência de ser com a comunidade e de estar e sentir na comunidade. A realização das oficinas de Extensão e produção científica se mostram, portanto, pertinentes para que essa integração se torne possível, principalmente no cenário que encontramos no nosso Centro, em que ainda não há muito incentivo nesse sentido. Através do trabalho integrado da Assessoria de Extensão, em parceria com os Projetos, aos poucos podemos construir uma Extensão Universitária mais consolidada no CCM/UFPB.



## **ORGANIZAÇÃO E ACOMPANHAMENTO SISTEMÁTICO DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DO CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ASSESSORIA DE EXTENSÃO<sup>20</sup>**

*Carolina Gadelha Pires<sup>64</sup>, Igor Teixeira Alcântara<sup>65</sup>, Maria Regina Macêdo Campos<sup>66</sup>, Rafael de Farias Borges<sup>67</sup>, Pedro José Santos Carneiro Cruz*

### **Resumo**

Dentre as atividades planejadas pela Assessoria de Extensão do Centro de Ciências Médicas destacou-se o acompanhamento das ações de Extensão, através de mapeamento da carga horária e principais atividades trimestrais dos Projetos, de modo a permitir a detecção de problemas relacionados com o não cumprimento das normas vigentes, à existência de questões que prejudiquem o andamento dos Projetos, ou mesmo para esclarecer ao público acadêmico do Centro as diversas abordagens e formas de organização do trabalho extensionista. Foram elaborados roteiros para elucidação de relatórios com os 7 Projetos de Extensão do Centro, para preenchimento da carga horária e das principais atividades trimestrais realizadas em cada Projeto. Foram elaborados 2 formulários online, enviados através do Google Docs, pelos extensionistas da Assessoria. O primeiro se intitula “Carga Horária e Dedicção Exigida”, sendo de preenchimento único. Ele possui como variáveis: nome e coordenador do Projeto, frequência e duração das reuniões e frequência e duração das visitas aos cenários de prática pelo bolsista e pelos voluntários. O segundo é designado “Resumo das principais atividades trimestrais” de preenchimento trimestral. Ele possui como variáveis: meses de referência das atividades, Projeto, coordenador, nome, data, local e duração das atividades, objetivos, alunos participantes, participantes externos e avaliação das atividades. Os formulários de Carga Horária e Principais Atividades Trimestrais foram enviados aos 7 Projetos do Centro. Em relação ao formulário de Carga Horária, 3 Projetos (42,8%) enviaram suas respostas. No que diz respeito aos dados obtidos, na totalidade dos Projetos (n=3), as reuniões têm frequência semanal; durando 1 hora e 30 minutos em 1 Projeto (33,3%), e 2 horas em 2 Projetos (66,7%). A frequência de visitas aos cenários de prática é semanal em todos os Projetos, sendo semelhante para alunos bolsistas e voluntários. Em relação a duração das visitas, em 2 Projetos (66,7%) é semelhante para bolsistas e voluntários, e em 1 Projeto (33,3%), os bolsistas têm carga horária maior. Apenas 2 Projetos (28,6%) enviaram respostas referentes ao formulário de Principais Atividades Trimestrais. Entre as questões abordadas estão data, local,

---

<sup>64</sup> Graduanda do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>65</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

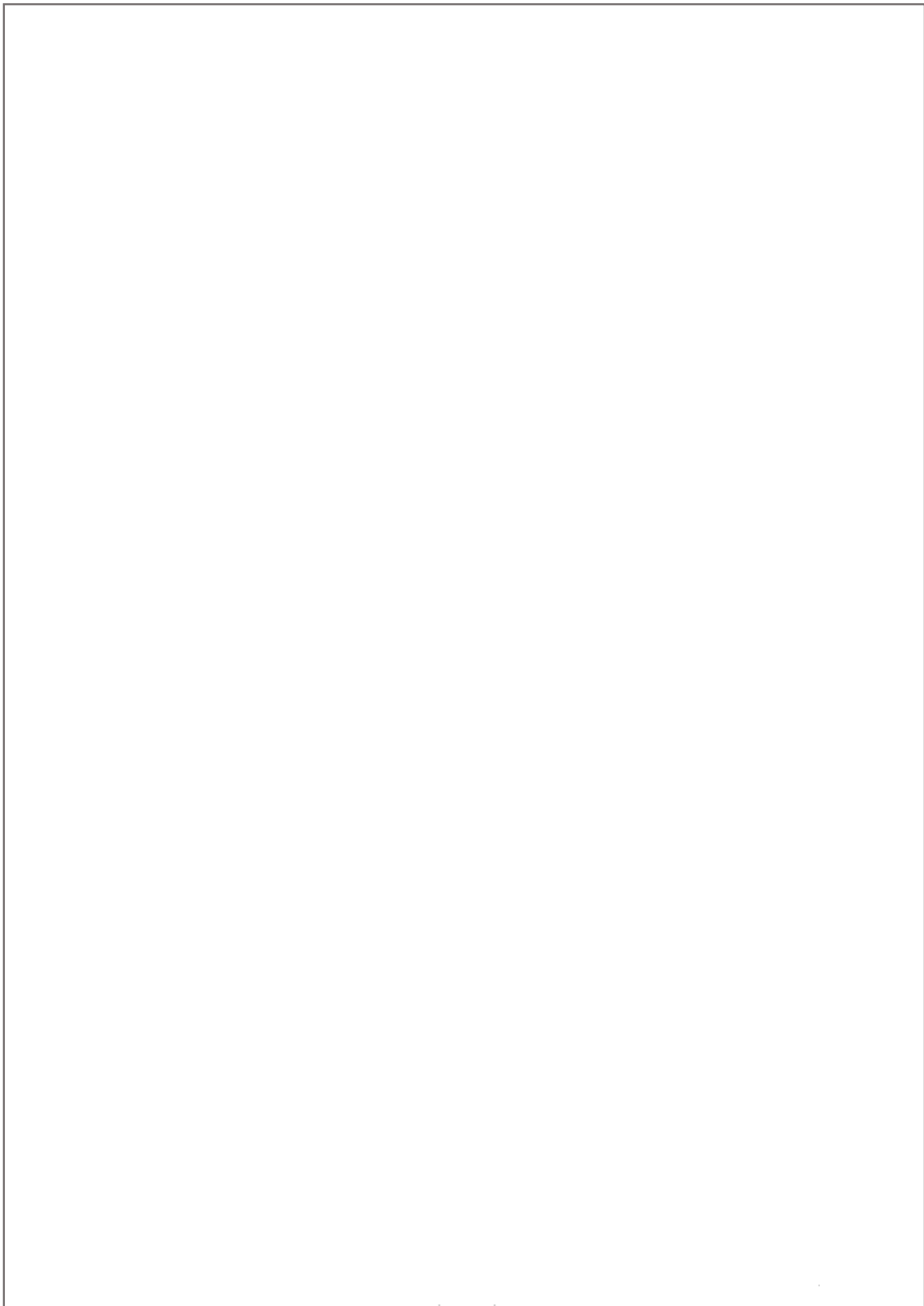
<sup>66</sup> Graduanda do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

<sup>67</sup> Graduando do curso de Medicina da UFPB e extensionista do Projeto Assessoria de Extensão do CCM: apoio a ações integrais de promoção da extensão em articulação com o ensino e a pesquisa na formação médica.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

duração, objetivos e alunos participantes das atividades do trimestre. Não houve participantes externos nas atividades dos 2 Projetos. No que diz respeito a avaliação das atividades, foram consideradas ótimas pelos 2 Projetos. A constante atualização dos dados da tabela é importante para a avaliação do andamento das atividades e da variação de perfil de cada Projeto, tornando sua utilização vital para a detecção de problemas e divergências nas atividades de cada Projeto. O trabalho dos bolsistas e voluntários é bastante similar na maioria dos Projetos, divergindo apenas em um critério, no tempo de duração das visitas, em que os bolsistas permanecem por mais tempo. O andamento das atividades foi considerado “ótimo” em todos os Projetos avaliados. As ausências das respostas de mais da metade dos Projetos dificultaram o acompanhamento e detecção de problemas, tornando a análise restrita. É de suma importância que mais Projetos se comprometam a enviar seus dados, tornando possível o suporte adequado da Assessoria de Extensão.

## **Depoimentos de estudantes do PINAB**



*Renan Soares de Araújo<sup>7</sup>*

Desde que iniciei no curso de Nutrição, no ano de 2013, eu entrei disposto a me engajar no máximo de atividades possíveis – com a intenção de aproveitar ao máximo esta oportunidade –, e para que minha formação acadêmica fosse a mais ampla possível, me dando mais possibilidades de encontrar o meu caminho. Neste sentido, eu já tinha em mente que, apenas “assistir aulas” não me seria o suficiente. Mesmo assim, não sabia bem o que faria, fora assistir aulas. O que realmente me motivou a buscar o curso de Nutrição, era um desejo forte por compartilhar as possíveis descobertas que a Universidade provavelmente me propiciaria, com vistas a contribuir de alguma forma com a nossa sociedade – diante das consequências de nossa alimentação cotidiana e de como esta interferem diretamente ou indiretamente na vida das pessoas.

Nunca havia me atentado, nem ouvido falar sobre a existência da Extensão Universitária – na minha cabeça, na Universidade existia apenas o Ensino e a Pesquisa. Porém, ao saber da existência do Projeto “Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica em Saúde (PINAB)” e de que este estava em período de seleção de novos extensionistas. De pronto, fiquei bastante entusiasmado, primeiramente, pelas comunidades alvo de sua ação situarem-se no bairro do Cristo Redentor, o qual eu moro próximo, e depois quando soube a sua forma de atuação, foi aí que vi à oportunidade de aprender e pôr em prática aquilo que eu já achava que era algo extremamente necessário e que tanto me inquietava em nossa sociedade, que é o desenvolvimento de um trabalho/ação que propiciasse o estímulo ao desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo, e que este servisse para estimular a conscientização das pessoas em relação ao mundo a sua volta.

Quando entrei no PINAB, participei do Grupo Operativo SAN (Segurança Alimentar e Nutricional), e pude conhecer esta área de atuação da Nutrição, a qual me apaixonei logo de cara. Já que esta justamente enfatizava aspectos dos quais eu achava extremamente essenciais à nossa sociedade.

A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras da saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis (Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, art. 3º).

Em minha inserção no Projeto, tive a oportunidade de conhecer as pessoas atuantes da comunidade e de ajudar (embora ainda muito pouco) na construção e transformação destas, e também pude observar a resistência de alguns, e o quão ainda é delicado esse tipo de tomada de consciência, e de como é necessária a “inserção” (e não “adequação”) destas pessoas ao mundo, e a importância que tem a atuação do Projeto na comunidade e no trabalho de mobilização dos moradores. Pude também observar o peso

que o PINAB tem na formação de profissionais diferenciados e mais engajados socialmente, e como o mesmo influencia na forma de ver e agir dos extensionistas, e o quanto ele ensina, muito, sobre como construir uma educação diferenciada – voltada e pautada para o povo, e feita juntamente com o povo –, despertando um pensamento mais crítico, curioso e inquieto, aspectos tão caros a Educação Popular.

Até então, ainda sabia pouco (ou quase nada, e ainda assim, sei pouco) sobre o que viria a ser a Educação Popular. No entanto, o PINAB foi quem me proporcionou um verdadeiro contato com esta perspectiva educativa diferenciada – e foi impossível me conter, ficando cada vez mais desejoso em adquirir conhecimento teórico sobre o que realmente é (ou o que pode ser e o que não é de jeito algum) a Educação Popular, principalmente para poder refletir em cima disso e melhorar cada vez mais a minha prática, tanto dentro do Projeto quanto na minha vida pessoal. O que me fez buscar gradativamente adotar o “popular” como uma postura perante a vida – “assumindo um posicionamento filosófico, político e ideológico, diante do mundo, trazendo a dimensão propositiva-ativa, voltado às mudanças pautadas pelos interesses das classes que vivem ou viverão de seu trabalho”.

Quanto mais adentrava no mundo da Educação Popular, ia percebendo que ela tinha o arcabouço metodológico teórico/prático perfeito para orientar a minha caminhada na busca por “ser mais” – ético, compreensivo, amoroso, respeitoso –, e como me basear numa relação dialógica, buscando sempre promover o outro –, com o propósito de estimular a autonomia e a emancipação das pessoas mais simples, das ditas “classes populares”.

Graças ao PINAB, que foi minha porta de entrada na Extensão Popular, tive a oportunidade de ter contato com outros Projetos de Extensão que também são orientados pela metodologia (pedagogia) da Educação Popular; além de conhecer e conversar com pessoas maravilhosas e com experiências significantes nas mais distintas áreas, o que me deu a oportunidade de ir me aprofundando e entendendo realmente o que viria a ser a Educação Popular e a Extensão Popular.

Hoje, após algumas leituras e reflexões, tenho plena convicção que a Extensão Popular, é, sim, “um trabalho social útil”, de importância ímpar. E que essa sua utilidade não é apenas importante para uma mudança na sociedade, mas, sim, também, para a formação de uma nova Universidade, uma Universidade socialmente ativa e comprometida.

*Jéssica Ingrid de Araújo Gomes<sup>11</sup>*

Ao refletir sobre minha vivência no Projeto “Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)”, eu percebi certa similaridade desta com alguns aspectos de um conto extraído de um artigo de Leonardo Boff, o qual é bastante conhecido: “A fábula da águia e da galinha”. Para efeito de melhor entendimento, eu irei reproduzir o conto, e acrescentarei minhas reflexões no mesmo.

Certa vez um camponês apanhou um filhote de águia e colocou-o no galinheiro junto às galinhas. A águia cresceu como uma galinha. Passados alguns anos, o camponês recebeu a visita de um biólogo. Enquanto passeavam pelo jardim, conversaram...

– Biólogo: Esse pássaro aí não é uma galinha, é uma águia.

– Camponês: De fato, é uma águia, mas eu a criei como galinha, ela não é águia, é uma galinha como as outras.

– Biólogo: Não, ela é e sempre será uma águia.

– Camponês: Não, ela virou uma galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram testar a águia. O biólogo tomou-a e ergueu-a bem alto desafiando-a, dizendo:

– Já que você de fato é uma águia, então abra suas asas e voe!

A águia ficou sentada sobre o braço estendido do biólogo. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos e pulou para junto delas.

No dia seguinte, os dois levaram a águia para o alto de uma montanha. O biólogo ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

– Já que você é uma águia, então abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor, tremia como se experimentasse nova vida, mas não voou. Então, o biólogo segurou-a firmemente, bem na direção do sol, na esperança de que seus olhos pudessem se encher de claridade e ganhar as dimensões do vasto horizonte. Foi quando ela abriu suas potentes asas. Ergueu-se, soberana, sobre si mesma, voou, e nunca mais retornou.

Neste sentio, me veio em mente que, existem pessoas que nos fazem pensar como galinhas e ainda até pensamos que somos realmente galinhas, porém é preciso ser

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

águia, abrir as asas e voar. Voar como as águias e jamais se contentar com os grãos que jogam aos nossos pés para ciscarmos.

Nessa fábula, o CAMPONÊS significa a SOCIEDADE, querendo nos aprisionar em lugares que ela escolhe e que acha que é nosso lugar, sem ao menos nos perguntar o que queremos.

O BIÓLOGO é o PINAB, querendo nos libertar, mostrando o horizonte a ser descoberto, a ser desvendado, abrindo nossos olhos na direção do sol para enxergarmos a luz e começarmos a voar.

A ÁGUIA somos nós EXTENSIONISTAS, apanhados dos nossos ninhos pela sociedade e jogados no chão, nos alimentando de grãos para disfarçarmos nossa fome, nossa sede, nossa vontade de descobrir novos caminhos; nos alimentando de grãos para disfarçarmos nossos instintos para nunca descobrir nosso verdadeiro lar. Mas só depende de nós para retomarmos nossa liberdade e voar.

Quando penso nas potencialidades do PINAB, penso nos grupos de águias (grupos operativos) que o PINAB mostrou o horizonte para escolherem o caminho a seguir. Penso nos filhotes que nasceram das águias (visitas domiciliares/vínculos) que se fortalecem a cada dia como as asas dos filhotes.

Quando penso nas fragilidades do PINAB, lembro que são muitas galinhas (pessoas da comunidade) que estão acomodadas nos seus galinheiros, esperando grãos para ciscarem, apenas grãos e nada mais. E ignoram outros caminhos (PINAB) cheios de grãos maiores, por não conhecer, não querer conhecer ou por outros motivos.

E assim como a águia, estou preparada para desvendar novos horizontes e me alimentar de vida, de realidade, de comunidade, de Educação Popular.



*Ana Paula Maia Espíndola Rodrigues<sup>22</sup>*

Faço parte do Projeto “Práticas Integrals de Promoção da Saúde e Nutrição na Atenção Básica (PINAB)” há um pouco mais de 2 anos e já me perguntei várias vezes se deveria continuar ou sair do Projeto. Me questionei sobre as possíveis vantagens e desvantagens de continuar, visto que não estava conseguindo conciliar as atribuições que me foram colocadas com os meus estudos, estava extremamente esgotada e sofrendo as conseqüências do cansado físico e mental. No entanto, em meio a tudo isso, decidi não desistir daquilo que sempre quis desde meu primeiro dia de aula, participar deste Projeto e continuar até quando puder. Percebi que as vantagens são mais numerosas que as desvantagens, e que a permanência no PINAB faz de mim uma pessoa com a responsabilidade de fazer diferença no mundo.

Após um ano como extensionista, pude conviver com realidades diversas e momentos marcantes, pude conhecer líderes comunitários e suas lutas em favor da comunidade, e pude compreender a importância da participação popular na formação da visão crítica dos moradores e conseqüente crescimento e melhora da comunidade. Após um ano, pude entender o processo organizativo do Projeto e compreender cada dia um pouco mais o que a população almeja, suas limitações e seus enftretamentos diários.

Pude perceber que nem sempre o que planejamos, podemos levar para frente e que nem sempre nossas idéias estão de acordo com o que a população deseja. Com isso, entendi a importância de uma comunicação frequente do Projeto com os moradores da comunidade, a fim de juntos buscarmos os mesmos objetivos. Pude também conhecer minhas próprias fragilidades e superar muitas das barreiras que encontrei no percurso, e com isso crescer ainda mais como pessoa e como extensionista.

Em minha vivência, percebi as dificuldades enfrentadas para se iniciar um Grupo Operativo, as quais são inúmeras, mas diante de tal experiência, cheguei a conclusão, em minhas reflexões, que um dos caminhos para driblarmos tais obstáculos, pode ser a realização de mais eventos na comunidade, almejando uma mobilização mais efetiva da população.

Na oportunidade de conversar com algumas moradoras da comunidade, notei a passividade e desmotivação em algumas falas, o que me fez pensar o que podemos fazer, enquanto Projeto de Extensão que atua naquela área, para animar e incentivar a comunidade a não apenas aceitar a realidade a qual estão inseridos, mas sim buscar formas de melhorar a saúde física e mental, o relacionamento entre os moradores, a segurança e educação das crianças e inclusive melhorias para a própria comunidade.

Sei que ainda tenho bastante coisas a aprender, principalmente a partir das diversas formas de atuar em que o Projeto nos proporciona. Sendo assim, percebo que posso ajudar cada vez mais, de forma significativa, na superação dos problemas enfrentados e contribuindo na construção de uma sociedade mais ativa e preocupada

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

com os interesses coletivos e que reivindica seus direitos não esquecendo de cumprir seus deveres.

## **Artigos do PINAB**



## EDUCAÇÃO POPULAR E NUTRIÇÃO SOCIAL: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE UM DIÁLOGO POSSÍVEL<sup>68</sup>

*Pedro José Santos Carneiro Cruz<sup>69</sup>; José Francisco de Melo Neto<sup>70</sup>*

### Resumo

No setor saúde, a Educação Popular tem desvelado historicamente perspectivas teóricas e metodológicas relevantes na busca por novos horizontes para formação de profissionais, dentre os quais também se incluem os nutricionistas. Caminhos vêm sendo delineados para uma atuação comprometida com os conceitos da Promoção da Saúde e da Segurança Alimentar e Nutricional, os quais agregam dimensões críticas à Nutrição Social, traduzidas pela percepção compromissada quanto ao papel da ciência da nutrição em comunidades populares e da intervenção do nutricionista nestes espaços. Tendo como objetivo contribuir no aprimoramento das bases teóricas intervenientes neste processo, o presente ensaio pretende sistematizar os atuais desafios, possibilidades e lacunas do encontro entre Educação Popular e Nutrição Social, com ênfase para suas realizações nos cenários da Saúde da Família, e dos movimentos em torno do Direito Humano a Alimentação Adequada e Saudável no Brasil.

**PALAVRAS CHAVES:** Educação em Saúde; Programas e Políticas de Nutrição e Alimentação; Nutrição em Saúde Pública; Educação Alimentar e Nutricional.

### Introdução

Nos últimos anos, diversos fatores vêm demandando mudanças na atuação profissional e na formação universitária de nutricionistas, seja em seus princípios éticos, nos aspectos políticos ou nas questões quanto às formas de atuar e participar, especialmente em contextos permeados pela exclusão social<sup>1,2,3</sup>. Contudo, as experiências de inserção de nutricionistas neste cenário passaram a revelar um anacronismo da formação tradicional diante dos desafios impostos pelas situações sociais cotidianamente vivenciadas pelo público protagonista deste nível de atenção<sup>4,5,6,7</sup>. Como demonstram diferentes estudos<sup>5,8,9</sup>, problemas sociais como exclusão, fome, miséria, entre outros, demandavam modos de atuação distintos dos tradicionais, com ênfase na sensibilidade do profissional para compreender o problema da fome, da pobreza e seus condicionantes de forma ampliada (através da complexidade e da

---

<sup>68</sup> Artigo originalmente publicado na revista **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832014000601365](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601365)>.

<sup>69</sup> Professor do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>70</sup> Professor do Departamento de Metodologia da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

compreensão estrutural dos problemas sociais), crítica e humanizada, envolvendo também uma ação com ênfase social, cultural e educativa.

Nesse contexto, a Educação Popular vem constituindo um significativo componente inspirador para a formação e a atuação de nutricionistas no campo da Nutrição Social, especialmente no contexto da Estratégia Saúde da Família (ESF) e das ações de promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Conforme ressaltam Cruz, Pereira e Vasconcelos<sup>10</sup>, enquanto teoria da Educação<sup>11,12,13</sup>, a Educação Popular traz um escopo de inspirações teóricas e tecnologias sociais relevantes capazes de oportunizar o desenvolvimento de profissionais com postura ética comprometida com ações de Promoção da Saúde e da Alimentação Saudável em caráter ampliado, orientadas, sobretudo pelo conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), o qual agrega dimensões críticas, sociais e políticas à compreensão do papel da ciência da nutrição em comunidades populares e da intervenção do nutricionista nestes espaços<sup>14</sup>.

Todavia, percebe-se na literatura sobre Nutrição Social uma escassez de referências que coloquem estas iniciativas em análise crítica e promovam um aprofundamento teórico sobre este diálogo entre Educação Popular e Nutrição Social, o que revela, nestes campos, um desafio a ser enfrentado. Nesse sentido, o presente ensaio possui como objetivo central contribuir com este debate, estabelecendo algumas reflexões comprometidas com a expansão e qualificação crítica do debate em torno dos atuais desafios, possibilidades e lacunas do encontro entre as perspectivas teóricas da Educação Popular e da Nutrição Social.

Para tanto, iremos, em primeiro lugar, destacar breves entendimentos teóricos sobre estes dois conceitos, para depois situar encontros significativos decorridos entre as práticas de Educação Popular e as práticas de Nutrição Social. Em seguida, situaremos as atuais aproximações teóricas entre estes campos, ao tempo em que revelaremos também suas lacunas. Finalmente, apostando no arcabouço epistemológico da Educação Popular e nos avanços históricos de compromisso social da ciência da Nutrição, deveremos colocar em debate possibilidades para um maior aprofundamento acerca deste encontro, confluindo na perspectiva de refletir criticamente a prática da Educação Alimentar e Nutricional (EAN) como possibilidade concreta de concretizar processos emancipatórios na atuação da Nutrição Social em contextos de exclusão social.

## **Desenvolvimento**

### **Considerações metodológicas**

Este artigo resulta de uma pesquisa original teórica, desenvolvida por ocasião de estudos provenientes da construção de tese de Doutorado em Educação do autor principal, sob orientação do co-autor, construída na perspectiva qualitativa<sup>15</sup>, a partir de inquietações e questões emergidas aos pesquisadores no seio de suas experiências no campo das práticas de Extensão Universitária em Educação Popular no setor saúde. Para

desenvolvê-la, procedemos com pesquisa bibliográfica<sup>15,16</sup>. Segundo Gil<sup>16</sup>, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa.

Tal técnica de pesquisa foi utilizada de modo a podermos considerar documentos oficiais de políticas públicas de saúde, proteção social, dentre outras, inseridas no campo da Nutrição Social. Também consideramos reflexões teóricas provindas de pesquisas teóricas e sistematizações de experiências em práticas de Educação Alimentar e Nutricional. Estas obras encontram-se citadas ao longo do artigo, conforme as normas da ABNT, e sua escolha se deu de forma intencional, com critério de incluir aquelas que tivessem conteúdo articulado com os propósitos específicos deste ensaio.

### **Educação Popular e Nutrição Social: perspectivas teóricas**

A Educação Popular nasce no início no século XX em meio ao cenário diverso das perspectivas críticas de pensar o fenômeno da Educação na América Latina e passa a ser melhor sistematizada, compreendida e aperfeiçoada a partir da década de 1950, a partir de sua processual realização nos processos de educação de jovens e adultos, bem como nos movimentos de cultura popular<sup>13,17</sup>.

Esta perspectiva crítica foi construída a partir dos fundamentos teóricos erguidos pela obra de Marx e Engels<sup>18</sup>, a qual conferiu bases filosóficas e teóricas significativas para se pensar a produção do conhecimento numa perspectiva dialética que tem como ponto de partida, necessariamente, o mundo concreto e suas contradições. Estando radicalmente inserida nas lutas contra opressão na América Latina e nos movimentos de cultura popular, aos poucos a Educação Popular foi ganhando espaços em outros campos do conhecimento e em diferentes áreas profissionais, na medida em que subsidiava bases para se questionar a aplicação tradicional das ciências, reivindicando processos educativos que garantissem uma atuação da ciência comprometida com a geração de processos emancipatórios nos contextos de exclusão social onde se insere. Nesse sentido, a Educação Popular apresenta-se ainda nos dias de hoje como eminentemente necessária, constituindo um marco teórico e uma teoria do conhecimento de relevância singular para trabalhos sociais e ação de políticas públicas com perspectiva educativa libertária, democrática e participativa<sup>19</sup>. Para Calado<sup>20</sup>, significa:

[...] um processo formativo, protagonizado pela Classe Trabalhadora e seus aliados, continuamente alimentado pela utopia, em permanente construção de uma sociedade economicamente justa, socialmente solidária, politicamente igualitária, culturalmente diversa, dentro de um processo coerentemente marcado por práticas, procedimentos, dinâmicas, posturas correspondentes ao mesmo horizonte.

Cumprir destacar que a Educação Popular não é a única perspectiva teórica para uma educação libertadora. No entendimento de Paludo<sup>21</sup>, ela faz parte do chamado Campo Democrático Popular (CDP), no qual atuam também perspectivas teóricas e filosóficas de relevância na educação como: a Teologia da Libertação; o Novo Sindicalismo; os Centros de Educação e Promoção Popular; o pensamento pedagógico socialista, cuja base está no materialismo histórico e materialismo dialético de autores como Marx, Lênin e Gramsci; as múltiplas experiências de movimentos sociais e populares ocorridas em toda a América Latina; além das experiências socialistas do Leste Europeu e aquelas de países latino-americanos como Nicarágua, Chile e Cuba.

Neste novo século, a Educação Popular permanece em diálogo com estas diferentes perspectivas, mas mantém sua importância singular no contexto vivenciado pela sociedade, pois ainda está em voga uma educação hegemônica excludente, autoritária, direcionada a reafirmar a sociedade como aí está.

Por sua vez, especialmente desde a década de 1930, a Nutrição Social vem se desenvolvendo no contexto das perspectivas de pensar e concretizar a ciência da Nutrição. Para Vasconcelos<sup>22</sup>, na América Latina, a emergência da Nutrição decorre sob significativas contribuições dos estudos de Pedro Escudero, criador do Instituto Nacional de Nutrição em 1926, da Escola Nacional de Dietistas em 1933 e do curso de médicos “dietólogos” da Universidade de Buenos Aires. Nestas experiências, diferentes brasileiros foram partícipes, dentre os quais se destacou o pernambucano Josué de Castro. De acordo com Vasconcelos<sup>23</sup>, Escudero, Josué de Castro e seus colaboradores constituíram os pioneiros na promoção de estudos e intervenções de nutrição no campo social no Brasil, com maior ênfase a partir da década de 1930, elaborando paulatinamente bases teóricas para se compreender questões alimentares e nutricionais, como a fome, de forma complexa e crítica.

Dessa maneira, em sua origem, a Nutrição Social estava atrelada às preocupações de médicos nutrólogos, particularmente com aspectos relacionados à produção, à distribuição e ao consumo de alimentos pela população brasileira. Sob as bases deste grupo, configuraram-se espaços fundamentais da constituição da Nutrição Social como campo significativo no contexto das práticas da recém-criada profissão do nutricionista<sup>24</sup>.

Nesse contexto, como afirma Boog<sup>25</sup>, a Nutrição Social esteve fortemente vinculada aos programas de proteção dos trabalhadores e expressou-se através de iniciativas de Educação Alimentar e Nutricional (EAN), concretizadas em perspectivas de transmissão de informações, difusão de boas práticas e visitas domiciliares visando o acompanhamento de hábitos e atitudes visando uma alimentação “correta”.

No contexto da Saúde Pública, a Nutrição Social dedicou-se, inicialmente, aos sistemáticos estudos sobre o problema da fome, suas repercussões e determinantes sociais, bem como as questões nutricionais relativas. A partir da década de 1950 e durante a década de 1960, muitos profissionais enfatizam suas ações a partir de



programas de ajuda alimentar em políticas de assistencialismo como aquelas provenientes do USAID<sup>(a)71</sup>, onde se trazia alimentos estranhos à cultura brasileira, principalmente provindos dos Estados Unidos, de modo a inseri-los como doação em contextos de pobreza. Por sua vez, especialmente a partir dos anos 1970, a lógica desenvolvimentista e tecnicista governamental da Ditadura Militar influi no estabelecimento de ações de nutrição restritas à avaliação e diagnóstico alimentar e nutricional, bem como ao planejamento quanto às necessidades de abastecimento, produção e comercialização de alimentos, o que oportunizou o fortalecimento da perspectiva de Vigilância Alimentar e Nutricional, mas pouco afastou as possibilidades de trabalhar pedagogicamente e participativamente a questão alimentar e seus determinantes<sup>24</sup>. Para Boog<sup>25</sup>, neste período decorre um “exílio” da EAN.

A partir da década de 1980, a Nutrição Social respira novos ares graças a processos como os movimentos pela redemocratização, os movimentos e práticas populares de saúde, e a redescoberta do debate em torno da fome como questão social, atrelada a crescente discussão crítica em torno da Nutrição<sup>26</sup>. Nesse processo, a instituição do Sistema Único de Saúde (SUS) e seu fortalecimento através da criação e expansão do Programa Saúde da Família (atualmente compreendido como Estratégia Saúde da Família) na década de 1990 logrou êxito em demandar das políticas públicas de Alimentação e Nutrição trabalhos sociais com perspectivas diferenciadas daquelas consolidadas nas últimas décadas, especialmente no período pós-Josué de Castro.

Concomitantemente, o problema da fome no Brasil passou a ser cada vez mais compreendido como um fenômeno social, político, econômico e cultural, indo muito além da simples ausência de alimentos. Tal constatação demandou uma notável transformação na abordagem governamental a este problema, a partir do momento em que passaram a ser construídas novas perspectivas teóricas e outros conceitos orientadores de políticas e ações para o enfrentamento destas questões. Isto passou a ser vivenciado na prática com o advento do Governo Lula em 2003, no qual – dentre outras medidas – a criação do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome e do Programa Fome Zero demarcaram uma decisão assertiva do Governo Federal no sentido de inaugurar novas abordagens para a implementação de políticas públicas nesta área. Dentre elas, o conceito de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) se sobressai<sup>14</sup>, bem como o de Direito Humano a Alimentação Adequada e Saudável (DHAA). Com a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), a SAN passou a ser entendida como fenômeno cujo enfrentamento não pode prescindir de caminhos como a intersetorialidade e o diálogo interdisciplinar. Assim, defini-se a SAN:

A realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo por base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis<sup>27</sup>

---

<sup>(a)</sup> United States Agency for International Development.

Nessa perspectiva, hoje se compreende Nutrição Social através da ênfase nos aspectos social, cultural, religioso, econômico e político relativos à alimentação e como estes podem influenciar nutrição humana<sup>5,9,28</sup>. Nesta linha, são desenvolvidos projetos voltados para:

[...] o planejamento, implementação, monitoramento e avaliação de Políticas Públicas e Programas que compõe as estratégias de Segurança Alimentar e Nutricional, e a promoção da realização do Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA); A análise e a proposição de estratégias de implementação de ações de Alimentação e Nutrição em políticas, programas e serviços como, por exemplo, saúde, educação e assistência social; Ações de proposição, implementação e validação de estratégias e instrumentos de promoção da saúde e educação nutricional para diferentes grupos populacionais; além de informação, educação formal e continuada de profissionais de saúde<sup>29</sup>.

A Nutrição Social configura um difuso campo de estudos e realizações, nos quais se desvelam estratégias de trabalhar o campo da Alimentação e Nutrição em interface com o cotidiano da vida e os determinantes sociais de saúde nas coletividades.

### **Educação Popular e Nutrição Social: avanços e lacunas**

Como destaca Boog<sup>25</sup>, historicamente as ações de Educação Alimentar e Nutricional pouco conseguiram auxiliar efetivamente o educador em nutrição a compreender em profundidade o fenômeno com o qual está lidando - alimentação humana. Corroborando com a referida autora, enfatizamos que a abordagem pedagógica em Educação Alimentar e Nutricional sempre esteve mais próxima da instrução, voltada a técnicas e procedimentos, em lugar do envolvimento dinâmica e compreensivo com a teia complexa e multifacetada da cultura humana.

Nessa direção, buscando cumprir o objetivo principal deste ensaio, procederemos com a explicitação dos encontros e diálogos existentes entre Educação Popular e as reflexões teóricas e as políticas de Nutrição Social, visando identificar de avanços e lacunas neste debate, sistematizando então algumas considerações e sugestões de desafios, na perspectiva de pensarmos caminhos para processos educacionais emancipatórios no contexto das práticas atuais de Nutrição Social.

Para tanto, cumpre destacar que, considerando os limites deste ensaio, deveremos nos ater a políticas públicas, consensos, relatórios e documentos construídos somente nos últimos anos, especialmente a partir de 2003. Assim, reforçamos nossa intenção em compor mais uma provocação ao debate e ao aprofundamento do tema do que um esgotamento de todas as possibilidades de reflexão possíveis.

A Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional<sup>27</sup> não contem menções explícitas a Educação Popular, mas chama atenção não mencionar tampouco a Educação, ou mesmo as práticas educativas. Aproximam-se destas perspectivas somente citações a: a) *a participação cidadã plena*, através da realização destes direitos (SAN e DHAA) constituir um conjunto de condições necessárias e essenciais para que todos os seres humanos, de forma igualitária e sem nenhum tipo de discriminação, existam, desenvolvam suas capacidades e participem plenamente e dignamente da vida em sociedade; b) a importância da *participação social* na formulação, execução, acompanhamento, monitoramento e controle das políticas e dos planos de segurança alimentar e nutricional em todas as esferas do governo; c) a inclusão, dentre os princípios da Lei, da *preservação da autonomia* e respeito à dignidade das pessoas<sup>30</sup>.

No mesmo documento, destaca-se a inclusão da educação nutricional no contexto dos elementos da SAN nas políticas de reforma agrária, mas restringindo a mesma a capacitação para práticas pessoais saudáveis, textualmente indicando “ações de Educação Alimentar e Nutricional com vistas à melhoria dos hábitos alimentares, dos padrões de higiene e do aproveitamento dos alimentos pelas famílias assentadas”<sup>30</sup>. Todavia, exceção se faz presente nas reflexões sobre a inserção da EAN no cenário escolar, onde enfatiza-se o significado da mesma como elemento articulador de diferentes setores na mobilização de ações sociais e formativas, especialmente saúde e educação. Ressalta-se a presença de princípios caros à Educação Popular, da seguinte forma:

[...] devem ser pautadas na perspectiva dos direitos humanos e da cidadania, sob valores éticos e de equidade, reforçando, assim, a autonomia social, política e econômica da população atendida. Para tal, é fundamental que haja participação social, transparência decisória e conhecimento, por parte da população, das ações desenvolvidas em todas as etapas do processo de planejamento<sup>30</sup>.

Ainda nessa direção, o documento ressalta<sup>30</sup> que as ações de promoção de saúde e de uma alimentação saudável envolvem também o fortalecimento político dos diferentes grupos para que possam pressionar pela garantia de todos esses direitos: acesso ao alimento e a uma alimentação saudável, acesso à informação, à atenção em saúde, aos bens e serviços públicos essenciais<sup>31</sup>.

Ao apresentar um balanço da implementação das diretrizes da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) contextualizando as ações no cenário do Sistema Único de Saúde (SUS), Recine e Vasconcellos<sup>32</sup> referem-se à perspectiva educativa indicando que apenas ações de educação em saúde não são suficientes para o alcance do impacto necessário na promoção da alimentação saudável, pois necessita-se de estratégias como o Guia alimentar da população brasileira, que sistematiza e demarca pontos regulatórios e elementares quanto aos horizontes onde se quer chegar na promoção da SAN e da alimentação saudável.

De acordo com Oliveira<sup>33</sup>, a Educação Alimentar e Nutricional é prevista na Estratégia Fome Zero como ação estruturante, de tal sorte que a mesma configurou-se institucionalmente no Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) tendo como perspectiva a promoção da segurança alimentar e nutricional. Dessa forma, a Coordenação responsável pelo desenvolvimento de ações educativas nesse Ministério promoveu importantes recomendações e estratégias como base para o desenvolvimento de ações educativas em Alimentação e Nutrição tanto para o governo como para a sociedade civil. Dentre essas recomendações, destaca-se a importância de que as ações educativas sejam desenvolvidas no sentido de promover a autonomia dos indivíduos, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, respeitando as culturas alimentares e valorizando a história alimentar e a diversidade regional, ao mesmo tempo em que reconheçam os saberes populares e fomentem a biodiversidade local.

Nos últimos anos, alguns marcos são representativos do avanço no debate sobre a dimensão educativa nas práticas da Nutrição Social. Um exemplo disto está na nova edição da PNAN – Política Nacional de Alimentação e Nutrição<sup>34</sup>. Dentre seus princípios, destacam-se elementos como: a Alimentação como elemento de humanização das práticas de saúde; o respeito à diversidade e à cultura alimentar; o fortalecimento da autonomia dos indivíduos; a determinação social e a natureza interdisciplinar e intersetorial da Alimentação e Nutrição; segurança alimentar e nutricional com soberania.

Em 2012, a criação do Marco de Referência de Educação Alimentar e Nutricional nas Políticas Públicas, coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional), constituiu um avanço significativo na delimitação de caminhos para uma educação crítica no contexto das ações de SAN e DHAA. O Marco de Referência tem o objetivo de promover um campo comum de reflexão e orientação da prática, no conjunto de iniciativas de Educação Alimentar e Nutricional que tenham origem, principalmente, na ação pública, e que contemple os diversos setores vinculados ao processo de produção, distribuição, abastecimento e consumo de alimentos<sup>35</sup>.

No que diz respeito à literatura e os principais estudos empreendidos no campo da Nutrição na perspectiva da Saúde Pública e da Segurança Alimentar e Nutricional, pode-se identificar diálogos com a Educação Popular, dentre os quais destacam-se principalmente os trabalhos de Maria Cristina Faber Boog, a qual vem consolidando o campo da Educação Alimentar e Nutricional com sistematizações precisas, com caracterizações históricas do processo de constituição da EAN, e apontando desafios para esta prática. Neste quesito, a autora aponta uma educação crítica como caminho fundante. Numa de suas obras, a autora sugere que

[...] a leitura da extensa obra de Paulo Freire seja a referência básica para a formação dos educadores em nutrição. Ninguém como ele conseguiu tão bem discutir as possibilidades e os limites da educação

formal e informal, a natureza da educação como ato político, as características e o potencial da dialogicidade para a construção da autonomia, a educação como caminho para a libertação das condições sociais de opressão, focalizando a educação como via para a transformação da situação concreta de existência a fim de que se possa desfrutar de uma vida digna, na qual se inclua, entre outras condições, a segurança alimentar e nutricional<sup>9</sup>.

Nessa perspectiva, vale destacar o protagonismo da obra de Boog no sentido de provocar o adensamento da reflexão crítica em torno das ações de Educação Alimentar e Nutricional, particularmente aqueles que a conduzam em trilhas libertadoras. Conforme ressalta a autora, a atuação dos nutricionistas neste campo ainda é dominada

[...] pelo empirismo e por um certo idealismo que pode levar a um fazer que não se dá conta das intencionalidades subjacentes à abordagem empregada nas ações educativas. É preciso acordar para o fato de que o processo social da educação existe sempre, e que a recusa em fazê-lo sistematicamente, apenas abre um espaço maior para que ele aconteça de forma espontânea, ou, pior do que isso, intencional, porém através de iniciativas que partem exclusivamente das indústrias de alimentos, as quais, através da mídia e hoje, até mesmo das escolas, desenvolvem programas de “educação” nutricional<sup>25</sup>.

Influenciadas por estas perspectivas, ou com base em experiências exitosas, no debate atual em torno da Nutrição Social vem se demarcando um discurso em torno da Educação Alimentar e Nutricional “transformadora” e dialógica, assumindo uma perspectiva “problematizadora”, com vistas a ultrapassar uma visão puramente instrumental e instrucional da educação, e passar a considerá-la como uma forma de realização da pessoa<sup>36</sup>. De acordo com a autora citada, percebe-se nos documentos, orientações e estabelecimentos oficiais uma clara intencionalidade de articular, do ponto de vista teórico-metodológico, a Educação Alimentar e Nutricional a uma perspectiva da educação cunhada no pensamento de Paulo Freire, com ênfase na dialogicidade e na autonomia do sujeito. Nesta direção, ainda mescla-se algumas contribuições da pedagogia construtivista. Assim, os discursos recorrem ao enfoque da problematização contrapondo aos métodos tradicionais baseados nas técnicas expositivas, a fim de promover uma prática reflexiva dos sujeitos sobre si e sobre as questões pertinentes às suas práticas alimentares.

Nessa direção, Conti<sup>37</sup> defende que

[...] a existência de leis não significa que elas [as políticas públicas de SAN] estejam sendo efetivadas nos diferentes espaços. Por isso, ao mesmo tempo em que se avança no arcabouço legal é preciso continuar avançando no fortalecimento das organizações e movimentos sociais populares, que são instrumentos de mobilização e pressão política importantíssima pela realização e efetivação do DHAA, sem os quais esta efetivação tende a se tornar lenta, burocrática e enfocada, sem força de efetividade universal.

Por sua vez, Ferreira e Magalhães<sup>7</sup> apontam a Educação Popular entre uma série de questões articuladas na proposta de Promoção da Saúde como um caminho promissor para o campo da Alimentação e Nutrição: “(...) capacitação dos indivíduos; parcerias nas ações; intersectorialidade de órgãos públicos e privados; reforço à ação comunitária; educação popular; cidadania; ética pública (...)”. Seguindo estas direções, no âmbito das ações direcionadas à capacitação dos indivíduos, Ferreira e Magalhães<sup>7</sup> destacam o propósito de garantir condições para que a população possa exercer sua autonomia decisória, optando por escolhas alimentares mais saudáveis. Nesse aspecto, a EAN assume um papel fundamental para o exercício e fortalecimento da cidadania alimentar. A prática do nutricionista assume o desafio de promover uma educação nutricional eficaz, com ações que promovam mudanças nos hábitos alimentares dos indivíduos e de suas famílias.

### **Educação Popular e Nutrição Social: possibilidades e desafios**

Até aqui, buscamos traçar um breve painel sobre o contexto histórico de movimentos de encontro entre a perspectiva da Educação Popular e as ações de Nutrição Social, assim como também nos debruçamos sobre a presença de conceitos teóricos e dimensões políticas da Educação Popular em documentos oficiais e reflexões acadêmicas sobre a Nutrição num conceito ampliado no cenário da Promoção da Saúde.

Diante do exposto, podemos delinear algumas considerações, as quais configuram-se muito mais como reflexões teóricas e desafios revelados como convites para a continuidade e o aprofundamento deste debate.

Em primeiro lugar, cumpre destacar que a ausência preponderante de aprofundamentos sobre a dimensão educativa da Nutrição Social nos documentos e políticas públicas oficiais pesquisados demonstra a ausência de centralidade no debate sobre a Educação Alimentar e Nutricional neste âmbito, e revela uma falta de sincronicidade entre os propósitos transformadores expressos nestas políticas (como a SAN e o DHAA) e a educação como um caminho capaz de contribuir para sua efetividade. Ao contrário do que possa parecer, isso não se deve a uma falta de experiências educativas neste campo. O que se torna fundamental, então, é expandir e aprofundar a capacidade de sistematizar as experiências de Educação Alimentar e Nutricional em SAN e DHAA, bem como qualificar a interlocução do apoio dos agentes públicos a estas realizações.

Nessa direção, chama atenção também a timidez deste debate no campo acadêmico. É necessário dar continuidade e aprofundamento às bases teóricas fundamentais semeadas por Boog desde a década de 1990 até os dias de hoje.

Não obstante, cumpre destacar que será pouco empreender apenas reflexões sobre a Educação Alimentar e Nutricional como um todo. O contexto atual de exclusão

social e permanente de modelos de desenvolvimento excludentes recomendam ser necessário pensar a Nutrição Social com processos educacionais fundamentalmente emancipatórios. A falta de estudos capazes de associar este campo ao da Educação Popular, de maneira explícita, evidencia o quanto a discussão em torno de uma Educação Alimentar e Nutricional persiste em segundo plano.

Não que avaliemos ser a Educação Popular a única saída crítica ao quadro sombrio que campeia o contexto social atual. Como afirmamos anteriormente, há outras perspectiva educacionais articuladas ao Campo Democrático Popular. Contudo, a permanente expansão e fortalecimento de experiências de Educação Popular em Saúde coloca esta vertente como uma das mais centrais no cenário atual de elaboração de iniciativas e reflexões educativas no campo social. Haja vista, inclusive, o recente processo de institucionalização desta perspectiva nas políticas públicas de saúde com a Política Nacional de Educação Popular em Saúde<sup>(b) 72</sup>.

A teoria da Educação inspirada pela Educação Popular, conforme sistematizada por Paulo Freire<sup>11</sup>, ensina que as questões éticas, filosóficas e metodológicas concernentes à Educação Popular não se reservam apenas à análise das práticas, ações ou momentos educativos, mas transbordam estes na perspectiva de gerar olhares, críticas e novos direcionamentos para o conjunto das ações, para a perspectiva da ciência, para sua relação com a sociedade, para seu papel, seu compromisso. Nesse sentido, corroborando com a perspectiva teórica fundamentada por Pinto<sup>38</sup>:

A ciência só pode tornar-se um instrumento de libertação do homem e do mundo nacional se for compreendida por uma teoria filosófica que a explique como atividade do ser humano pensante e revele o pleno significado da atitude de indagação em face da realidade natural e social.

Na perspectiva da Educação Popular, não basta pensar as dimensões educativas nos momentos de relação entre científico e popular ou nos momentos de capacitação ou na ação comunitária, mas o que há de educativo e político em todas as dimensões de análise da Nutrição Social. Aprofundando esta reflexão, na esteira da obra de Pinto<sup>38</sup>, a Educação pode constituir um elemento potencializador da capacidade de questionamento da ciência e do homem diante do mundo e sua realidade. Como ressalta este autor, “para quem trabalha e para produzir o quê, ou seja, está ele a serviço dos propósitos humanos ou como instrumento de alienação do homem?”.

Em nossa análise, percebemos ainda persistir um obstáculo significativo para se alcançar este horizonte, o qual, na acepção de Santos<sup>36</sup>, consiste na existência de um hiato entre as formulações das políticas e as ações desenvolvidas no âmbito local. Para a autora, permanece certa distância entre discursos e práticas em torno das ações

---

<sup>(b)</sup> Aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde em 2012 e coordenada, em seu processo de criação e desenvolvimento, pelo Comitê Nacional de Educação Popular em Saúde da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde.

educativas. Conclui que a Educação Alimentar e Nutricional é menos um instrumento do que um dispositivo de ações conjugadas que devem envolver diferentes setores e disciplinas, entretanto, demanda investimentos na formação profissional e na produção de conhecimento no campo.

Destacamos, assim, que uma contribuição fundante no diálogo entre Educação Popular e Nutrição Social consistiria em aprimorar a Educação Alimentar e Nutricional numa prática fundamentalmente popular, na acepção sistematizada por Melo Neto<sup>12</sup>. Para o autor, ser popular é tornar-se expressão de uma metodologia, mas só terá significado quando expressar uma visão de mundo em mudança, contendo em suas ações a dimensão de propor saídas para as situações de miséria vividas pelo povo. Assim, expressa jeitos de fazer e iniciativas definidoras de um novo tecido social embasado em outros valores e objetivos. A metodologia que confirma algo como popular tem o sentido de promover o diálogo entre os partícipes das ações. Sobretudo, deve ser contributiva ao processo de se exercer a cidadania crítica.

De acordo com Melo Neto<sup>12</sup>, outra dimensão do popular se expressa quando a ação tem origem nos esforços, no trabalho do povo, das maiorias (classes), dos que vivem e viverão do trabalho. Mas a origem apenas não basta. Ser popular é ter clareza de que há um papel político nessa definição. Essa dimensão política deve estar voltada à defesa dos interesses das maiorias, ou seja, as classes populares. Nesse sentido, para o referido autor:

Ser popular é tentar alternativas. É estar realizando o possível, mas que, ao se realizar, abre, contraditoriamente, novas possibilidades de utopias, cuja negação trará os elementos já efetivados e tentativas de novas realizações. Isto só ocorre, contudo, quando da sua realização mesma, caminhando para aquilo que, efetivamente, é o necessário. A utopia da democracia tem um valor permanente e deve ser vivida sem qualquer entrave. Precisamente, nos espaços da realização e da não-realização, estão as suas contradições e suas dificuldades maiores. Entretanto, não podem trans-formar-se em agentes impeditivos da intransigente e radical busca por novas concretizações de sonhos de liberdade e de felicidade<sup>12</sup>.

Nesse sentido, embora haja uma preocupação crescente em relação às bases teórico-metodológicas que regem as ações educativas em Nutrição Social, há ainda pouca explicitação teórica e elaboração metodológica sobre a educação como um elemento potencializador da conscientização e formação necessária para a atuação cidadã na perspectiva da autonomia, da participação e da emancipação humana em Nutrição Social<sup>36</sup>. Muitos documentos enfatizam onde se quer chegar, mas são tímidos em acreditar na educação como caminho, ou mesmo como elemento gerador de reflexões, saberes e práticas que remem neste sentido.

### **Algumas considerações**



Muitos autores e obras têm avançado no sentido de delinear possibilidades educativas capazes de concretizar as intenções expressas nos conceitos de SAN e no marco do DHAA. Contudo, avaliamos ser necessário, no atual contexto de exclusão social, dedicar mais estudos e reflexões críticas na perspectiva da promoção de processos emancipatórios nas iniciativas de Educação Alimentar e Nutricional, o que deverá corroborar não apenas para novos horizontes para a ação do nutricionista, ou mesmo na melhoria do estado de SAN das comunidades, mas para a ressignificação efetiva da Nutrição Social.

Acreditamos que a Nutrição Social precisa caminhar no sentido de refletir intensamente sobre seu compromisso social e seu significado no enfrentamento obstinado e cotidiano das condições objetivas de opressão, injustiça e desumanização às quais está exposta parte significativa da população brasileira.

Com o presente ensaio, esperamos ter mantido aceso o debate em torno dos esforços sinceros e fundamentais que muitos autores já vêm mantendo no aprimoramento de possibilidades para a Educação Alimentar e Nutricional. Apresentamos, por outro lado, a possibilidade de interlocução da Educação Popular com a Nutrição Social como constituinte fundamental da efetivação de práticas transformadoras da Educação Alimentar e Nutricional. Com isso, avaliamos como premente a necessidade de se evidenciar explicitamente o caráter popular da prática educativa em Alimentação e Nutrição no sentido de revelar as dimensões multifacetadas da Nutrição Social e as possibilidades de se vislumbrar, mesmo que em exercícios e lances, uma Educação Alimentar e Nutricional emancipatória, encharcada de categorias como: diálogo, criticidade, participação, amorosidade e compromisso social popular.

### **Referências bibliográficas**

1. Recine E, et al. A formação em saúde pública nos cursos de graduação de nutrição no Brasil. *Revista de Nutrição (Campinas)*. 2012; 25(1):21-33.
2. Boog MCF. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. *Revista Ciência & Saúde*. 2008; 1(1):33-42.
3. Motta DG, Oliveira MRM, Boog MCF. A formação universitária em nutrição. *Pro-Posições/Unicamp (Campinas)*. 2003; 14(1):69-86.
4. Burlandy L. Atuação do nutricionista em saúde coletiva. [s.l., s.n.]. Mimeografado; 2005.
5. Santos AC. A inserção do nutricionista na estratégia da saúde da família: o olhar de diferentes trabalhadores da saúde. *Revista Família, Saúde e Desenvolvimento (Curitiba)*. 2005; 7(3):257-265.
6. Assis AMO, et al. O Programa Saúde da Família: contribuições para uma reflexão sobre a inserção do nutricionista na equipe multidisciplinar. *Revista de Nutrição (Campinas)*. 2002; 15(3):255-266.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

7. Ferreira VA, Magalhães R. Nutrição e promoção da saúde: perspectivas atuais. *Cadernos de Saúde Pública* (Rio de Janeiro). 2007; 23(7):1674-1681.
8. Cervato-Mancuso AM, et al. A atuação do nutricionista na Atenção Básica à Saúde em um grande centro urbano. *Ciência & saúde coletiva* (Rio de Janeiro). 2012; 17(12):3289-3300.
9. Boog MCF. Contribuições da educação nutricional à construção da segurança alimentar. *Saúde em Revista* (Piracicaba). 2004; 6(13):17-23.
10. Cruz PJSC, Pereira IDF, Vasconcelos ACCP. Educação Popular e a promoção da segurança alimentar e nutricional em comunidades: desafios com base em uma experiência de extensão. In: Vasconcelos EM, Cruz PJSC, organizadores. *Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência*. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária/UFPB; 2011.
11. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.
12. Melo Neto JF. *Extensão universitária: autogestão e educação popular*. João Pessoa: Editora UFPB; 2004.
13. Gadotti M, Torres CA. *Educação popular: utopia latino-americana*. São Paulo: Cortez/Edusp; 1994.
14. Vasconcelos ACCP, Pereira IDF, Cruz PJSC. Práticas educativas em nutrição na Atenção Básica em Saúde: reflexões a partir de uma experiência de extensão popular em João Pessoa-Paraíba. *Rev. APS (Juiz de Fora)*. 2008; 11(3):334-340.
15. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11A ed. São Paulo: HUCITEC; 2008.
16. Gil AC. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4a ed. São Paulo: Atlas; 2002.
17. Lander E. Marxismo, eurocentrismo, colonialismo. In: Borón A, Amadeo J, González S, organizadores. *La teoría marxista hoy. Problemas y perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO; 2006.
18. Marx K, Engels F. *A ideologia alemã*. 10a ed. São Paulo: Hucitec; 1996.
19. Brandao CR. *A Educação Popular na escola cidadã*. Petrópolis: Vozes; 2002.
20. Calado AJFC. Educação popular como processo humanizador: quais protagonistas? In: Lins LT, Oliveira VLB, organizadores. *Educação popular e movimentos sociais: aspectos multidimensionais na construção do saber*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB; 2008.
21. Paludo C. *Educação Popular em busca de alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático Popular*. Porto Alegre: Tomo Editorial; 2001.
22. Vasconcelos FAG. O nutricionista no Brasil: uma análise histórica. *Revista de Nutrição* (Campinas). 2002; 15(2):127-138.
23. Vasconcelos FAG. Josué de Castro e a Geografia da Fome no Brasil. *Cad. Saúde Pública* (Rio de Janeiro). 2008; 24(11):2710-2717.

## **Pesquisa em Extensão Popular no Programa PINAB: produções acadêmicas em 2014**

24. Vasconcelos FAG, Batista Filho M. História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* (Rio de Janeiro). 2011; 16(1):81-90.
25. Boog MCF. Educação nutricional: passado, presente, futuro. *Revista de Nutrição* (Campinas). 1997; 10(1):5-19.
26. Valente FL. Fome e Desnutrição: Determinantes Sociais. São Paulo: Cortez; 1986.
27. BRASIL. Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 18 set. 2006.
28. Vasconcelos FAG. A ciência da nutrição em trânsito: da nutrição e dietética à nutrigenômica. *Revista de Nutrição* (Campinas). 2010; 23(6):935-945.
29. Programa de Pós-Graduação em Nutrição Humana. Nutrição Social [internet]. Universidade de Brasília (UnB). Disponível em: [http://fs.unb.br/nutricaohumana/index.php?option=com\\_content&view=article&id=49&Itemid=55](http://fs.unb.br/nutricaohumana/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=55) . Acessado em 27 mai 2013.
30. CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Princípios e diretrizes de uma Política de SAN. Brasília, Gráfica e Editora Positiva; 2004.
31. ABRANDH – Associação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos (2010). Direito humano à alimentação adequada no contexto da segurança alimentar e nutricional. Brasília, DF: ABRANDH; 2010.
32. Recine E, Vasconcelos AB. Políticas nacionais e o campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva: cenário atual. *Ciência e Saúde Coletiva* (Rio de Janeiro). 2011; 16(1):73-79.
33. Oliveira SI, Oliveira KS. Novas perspectivas em Educação Alimentar e Nutricional. *Revista Psicologia/USP* (São Paulo). 2008; 19(4):495-504.
34. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. Brasília, DF: MS; 2012a.
35. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas. – Brasília, DF: MDS; 2012b.
36. Santos LAS. O fazer Educação Alimentar e Nutricional: algumas contribuições para reflexão. *Ciência & Saúde Coletiva* (Rio de Janeiro). 2012; 17(2):453-462.
37. Conti IL. Segurança alimentar e nutricional: noções básicas. Passo Fundo: IFIBE; 2009.
38. Pinto AV. Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra; 1979.
39. Pádua JG, Boog MCF. Avaliação da inserção do nutricionista na Rede Básica de Saúde dos municípios da Região Metropolitana de Campinas. *Revista de Nutrição* (Campinas). 2006; 19(4):413-424.
40. Amorim STP, Moreira H, Carraro TE. A formação de pediatras e nutricionistas: a dimensão humana. *Revista de Nutrição* (Campinas). 2001; 14(2):111-118.



Número 1: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro Cruz; VASCONCELOS, Ana Claudia Cavalcanti Peixoto de; SOUSA, Luciana Maria Pereira de; TÓFOLI, Adriana Maria Macedo de Almeida ; CARNEIRO, Daniela Gomes de Brito ; ALENCAR, Islany Costa. **Educação popular e nutrição social:** reflexões e vivências com base em uma experiência. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. 554p . Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5WM6ossn5wlWFFqRExkWUIRWEE/view?usp=sharing>

Número 2: CRUZ, Pedro José Santos Carneiro Cruz; VASCONCELOS, Ana Claudia Cavalcanti Peixoto de; ARAÚJO, Renan Soares de (organizadores). **Pesquisa em extensão popular no Programa PINAB:** produções acadêmicas em 2014. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016. 100p.



PINAB

PROGRAMA PRÁTICAS INTEGRAIS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E NUTRIÇÃO NA ATENÇÃO BÁSICA

Departamento de Promoção da Saúde/CCM

Departamento de Nutrição/CCS

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

2016